

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegráfico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegráfico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

REFERIMO-NOS, ha dias, ás multas que continuam a ser applicadas por insuficiencia de franquia a todos os pacotes de jornais brasileiros e portugueses do Brasil, expedidos pelas respectivas redacções para Portugal. Dissemos, então, que confiavamos na intervenção da Administração Geral dos Correios e Telegrafos junto dos Correios do Brasil para se remediarem os inconvenientes de tal situação. E confiados continuamos em que o sr. engenheiro Couto dos Santos se terá occupado do assunto evitando prejuizos e aborrecimentos, tanto mais para lamentar quando é certo que affectam a expansão de jornais da lingua portuguesa.

Por isso não solicitamos também para o caso a atenção do Ministerio dos Estrangeiros, a fim de pôr-se termo a uma situação que dura ha dois meses e que constitui mais um embaraço ás relações espirituais entre Portugal e o Brasil, tão prejudicadas já pelo excessivo custo das franquias postais, tanto ordinarias como aereas, do nosso para o país irmão.

* * *

A SOCIEDADE de Geografia acaba de editar o «Relato inédito do desembarque de el-rei D. Sebastião em Tanger», que José de Esaguy, o inatigavel investigador que na Sala Alvaré agora realizou uma notavel conferencia acêrca daquela antiga cidade portuguesa de Marrocos, onde vive ha dez anos. Diz José de Esaguy que «sob o ponto de vista militar, a batalha de Alcacêr foi plenamente ganha pelas hostes de el-rei D. Sebastião. A nova da derrota de El-Maluco foi levada a Fez, capital espiritual do Imperio, pelos mouros das cabildas proximas ao campo da luta; o irmão de El-Maluco fugira antes com cinco esquadões que ele desejava salvar de tão grande desgraça. Só muito instado, regressára oitenta quilometros de fuga, cobardemente, para se aproveitar do momento em que os portugueses, embriagados pela victoria, haviam já abandonado as armas».

Tão documentada afirmação vem, patrioticamente, contribuir para a verdade historica da nossa esforçada acção em Marrocos.

* * *

O PROFESSOR do liceu de Leiria, e assistente de português, em Bordeus, sr. dr. Alfredo de Carvalho, publicou na revista de ensino secundario «Labor» um artigo «A Cultura Portuguesa em Bordeus — século XVI» para o qual merece chamar-se a attenção. Alude aos professores da nossa terra que passaram pelo Collegio de Guiana, em Bordeus, e nomeadamente os famosos mestres drs. Antonio de Gouveia, André de Gouveia, Diogo de Teive e João Fernandes Costa. Trata-se evidentemente apenas de subsidios de noticias biograficas, mas este assunto oferece, aos que estremece a acção dignificante dos doutores portugueses, um indiscutivel interesse.

PRÓ TORRE DE BELEM

A evocadora e preciosa Torre de Belem que D. Manuel I, Venturoso Senhor das Descobertas e Conquistas, deicou a S. Vicente, patrono desta mui nobre e sempre leal Cidade, e fez levantar sobre um grupo de rochedos existentes no meio da agua, a pequena distancia da margem do Tejo, até aos meados do seculo dezoito, exerceu, exclusivamente, as seguintes funções dignificantes: estabelecer fogos cruzados com o Forte de São Sebastião de Caparica, cobrar direitos aduaneiros, visar passaportes ás entradas e saídas dos barcos, corresponder ás salvas e ao estipulado tiro de canhão dos navios que passavam na sua frente, preservar dos corsarios o Real Mosteiro de Santa Maria de Bethlem, e defender o famoso Porto de Lisboa.

Após haver desempenhado assim essa honrosa missão, encontrou o princípio da sua desdita no momento em que, no Régio Paço da Ribeira das Naus, faleceu o Magnanimo Rei D. João V — desvelado defensor de todas as reliquias historicas e artisticas da sua Patria.

Logo no reinado de D. José I, o Marquês de Pombal, tornando-a carcere de algumas das muitas victimas da sua tirania, faz-lhe perder a aureola de bondade que a verduga Torre de Londres e tantas outras, nunca possuiram; e mais tarde, reinando D. Maria I, o General Vallerée, começando em 1780, a construir, a seu flanco, o entaipante Forte do Bom Sucesso, aterra-lhe o historico canal que a separava de terra e dera acesso aos baixéis e galeões desta occidental praia lusitana, quando, já cobertos de gloria, volviam a ancorar no surgidouro do Rastrêlo.

Apesar disto, o seu pior bocado estava-lhe reservado para mais tarde, quando, ao concluir-se as muralhas e a doca de Belem, collocaram á sua ilharga o fumacento monturo que, para opprobrio nosso, tanto a tem denegrido.

Embora já tardiamente, acabe-se com essa permanente vergonha, transferindo, para outro local, a indecorosa instalação da Companhia do Gás, e, como fez, em Paris, Adolphe Chérioux, antigo presidente do Conselho Municipal, a serviços identicos, sitos no Bairro de Baugirard, execute-se nesse valioso e memoravel lugar, conquistado ao Tejo, um florido jardim de gosto genuinamente português.

Bem sabemos que a realização dum tal melhoramento tem seus entraves a vencer! Segundo algures disseram, o contrato de 1728 obriga a Camara Municipal de Lisboa a pagar ás Companhias Reunidas alguns milhares de contos, para livrar a maravilhosa Torre de Belem da má vizinhança das suas fabricas. Mas, nestes casos extremos — dizemos nós —, em que, além da estética ulissiponense, está affectado o decôro nacional, o que está mal emenda-se, o que se oponha a isso revoga se.

Como vêem, é coisa de muito simples solução, desde que haja um pulso energico e decidido para o fazer!

E. RAFOSO BOTELHO

Faleceu hoje em Vila Real de Santo Antonio

o engenheiro Manuel Roldan y Pego

VILA REAL DE SANTO ANTONIO, 12.— Faleceu hoje nesta villa o distinto engenheiro sr. Manuel Roldan y Pego, director geral e inspector, reformado, de Minas e Serviços Geologicos, do Ministerio das Obras Publicas, e sogro do sr. engenheiro Sebastião Ramires, ministro do Comercio e Industria.

O illustre extinto foi uma das primeiras pessoas que em Portugal se dedicaram á causa do Turismo, tendo escrito varias obras e realizado numerosas conferencias de propaganda. Foi um dos fundadores e orientadores da Sociedade Propaganda de Portugal.

Pertencia a uma antiga e conhecida familia luso-espanhola do Algarve, onde a sua morte produziu grande impressão.

O sr. Roldan y Pego estava doente ha mais dum ano.

Representou Portugal em diversas exposições no estrangeiro, como por exemplo a do Panamá-Pacífico, onde se deu o seguinte episodio:

Quando ele terminou o seu discurso, uma banda tocou o hino da Carta, julgando que se tratava do hino da Republica Portuguesa.

Como era muito surdo, o sr. Roldan y Pego não se apercebeu immediatamente do engano. Mas, logo que alguém o avisou, procurou levar a banda a executar «A Portuguesa». Não existia, porém, a musica, pelo que o nosso illustre compatriota se viu obrigado a trautear o hino, para ensinar aos musicos.

O JORNALISTA espanhol P. G. So-moza inicia assim, em «El Adelanto», de Salamanca, uma série de cronicas acêrca do nosso país: «Seis dias em Portugal com a «Coral Zamora», na qualidade de jornalista adido. A mala das ilusões, repleta, porque já é velho entre nós — desde os verões ali passados — o conhecimento e o amor pelo país vizinho. E sempre que falo de Portugal é no desejo de contribuir para que não continuemos de costas voltadas, para que nos conheçam e nos olhem com affecto, para que ali desapareçam receios e aqui surja a curiosidade bem disposta a ganhar animo dos portugueses. Lisboa, que me era desconhecida, é agora minha conhecida. Após uma olhadela á planta de Lisboa, comecei rezando em todos os sentidos para me identificar com a alma da cidade. E colhi materiais para futuros artigos de índole turistica que farei por carinho a Portugal e para contribuir para a nossa mutua aproximação».

O ANTIGO parlamentar e professor da Faculdade de Letras do Porto, dr. Lucio dos Santos que, ha anos, se encontra no Brasil, exerce actualmente o magisterio superior em Minas Gerais. O jornal A Imprensa refere-se, com o maior apreço á oração de sapientia por ele pronunciada na abertura das aulas do Instituto Propedeutico e publica-a na integra.

Trata-se de um magnifico discurso de um pensador e de um professor para quem os problemas da educação constituem preocupação ao mesmo tempo intelectual e moral e que deles se occupa com proficiencia e verdadeira ternura.

FAZ amanhã um ano que morreu subitamente em Lisboa o «costumier» Castello Branco, professor de indumentaria, no Conservatorio Nacional, individualidade representativa da vida teatral de ha um quarto de seculo, e que foi um dos precursores e renovadores da arte em que tanto se distinguiu. O seu nome ficou ligado aos grandes exitos do teatro português, durante um largo periodo. Evocamos o seu nome com saudade.

* * *

DEU-NOS hoje o prazer da sua visita o antigo ministro da Guerra e nosso prezado amigo sr. major Luiz Alberto de Oliveira, que veio agradecer-nos o interesse que manifestámos pela marcha da sua doença, da qual se encontra completamente restabelecido, com o que folgamos.

* * *

PARTE amanhã, a bordo do Colonial, para Moçambique, — onde irá desempenhar o cargo de sub-chefe do Estado Maior da provincia — o sr. capitão Luna de Oliveira, official illustre e escritor de grandes meritos, a quem o Diaric de Lisboa cumprimenta e deseja boa viagem.

A este numero do «Diario de Lisboa», corresponde um suplemento literario de oito páginas

TEATROS E CINEMAS

"Como se faz um homem"

É hoje que se estreia no Nacional a nova comédia "Como se faz um homem", imitação de Henrique Galvão, peça em 3 actos e



ESTEVAO AMARANTE

4 quadros, destinada por certo a grande êxito.

Os dois principais papeis estão a cargo de Estevão Amarante, que se estreia na Casa de Garrett, e de Adelina Abranches, entrando também no desempenho Raul de Carvalho, Vital dos Santos, João Silva, João Villaret, Antonio Sacramento, Alfredo Ruas, Alvaro Benamor, José Cardoso, Hermano Rio, Fernando Burnay, Emilia de Oliveira, Pilar Monteiro, Maria Lalande, Maria Clementina, Maria Brandão, Isabel Maria, Manuel de Carvalho e João Gaspar.

3.º recital de Berta Singerman

A grande declamadora Berta Singerman, cujo triunfo se assinala de recital para recital, realiza no próximo domingo, no Trindade, a sua 3.ª audição poética, com um programa extraordinário, às 15 e 45 horas, em "matinée", assim dividido:



Berta Singerman

1.ª PARTE—"Balada del puñado de sol", Enrique Panchs; "Triptico" (Dia de difuntos, Cancion de Carnaval e Reis); "Despedida" (de "Tu y yo"), Paul Gerald, tradução de Rivero; "Cancion del primer amor", Arturo Capdevilla e "Dia de Sol" (Pregões de Lisboa), Fernanda de Castro, tradução de Berta Singerman.

2.ª PARTE—"Três relatos (da "Ceia dos Cardiais", do dr. Julio Dantas, tradução de Villaespessa, I Relato do Cardial espanhol; II Relato do Cardial francês; III Relato do Cardial português).

3.ª PARTE—"El nene no intente de musica", Alvaro Moreira; "Um hombre anda bajo la luna", Pablo Neruda; "La perrilla", Marroquin; "Noche-buena", Nalé Roxlo; "Cobardias", Amado Nervo; "Las Campanas", de Edgar Poe, tradução de Torris (I, Las campanas de plata; II, Las campanas de oro; III, Las campanas de bronce e IV, Las campanas de hierro).

"Pygmalion", hoje, no Trindade

A companhia inglesa "The English Players", com Edward Sterling e Margaret Vaughan, estreia hoje, às 21 e 30 horas, no Trindade, a celebre peça de Bernard Shaw, "Pygmalion". Amanhã, em 4.ª recita de assinatura, representa a peça de Harwood, "Old Folks at Home", com a seguinte distribuição:

"Lady Jane Kingdon", Margaret Vaughan; "Professor Charles Kingdon", Edward Sterling; "Lord Cyril Aldingham", Charles Carew; "Liza Kingdon", Daphne Rye; "David Remington", Miché Bazar; "Hume", Alec Finlayson; "Douglas Winton", Hug Moxey e "Steven Rains", Richard Williams.

A sala-restaurant do CAFÉ-"CHIC" tem conforto, asseio inexcusável, não tem cheiro ou fumo e tem originalidade na iluminação.

—Porque a não visita V. Ex.?

TRINDADE

HOJE, às 9,30 hor s: Pela Companhia Inglesa
PYGMALION
5 actos, de BERNARD SHAW

AMANHÃ: 4.ª Recita de assinatura:

OLD FOLKS AT HOME

Domingo - A's 3 45 horas: "Matinée"

3.º recital de

BERTA SINGERMANN

"Lover's Leap", no Trindade

A Companhia Inglesa que se estreou no teatro da Trindade na quarta-feira, com "A alma de Nicholas Snyders", representou ontem uma interessante comédia de Philip Johnson—"Lover's Leap"—que ha meses, já, vem obtendo um grande sucesso no Vaudeville Theatre de Londres.

De todos os autores que a Companhia Inglesa vai interpretar na sua curta passagem por Portugal, Philip Johnson é incontestavelmente o mais inglês—no seu espirito e nos seus processos. "Lover's Leap" é uma novela curta, onde se relata e debate um problema da vida conjugal a par dum flirt bem inglês e suas consequências.

Como todas as boas obras teatrais inglesas que não pretendem fazer tese, em "Lover's Leap" assiste-se ao desenrolar dum drama que podia ser drama mas que o autor, baseado no bom humor e educação britânicos, transformou numa comédia humana, bem real e possível na sociedade inglesa. Na verdade, a pronta resignação daquelas duas mulheres que resolvem fleugmaticamente almoçar quando se vêem abandonadas, uma pelo marido e a outra pelo noivo—que fogem para o Egipto, na ansia de profundarem os mistérios dos faraós por julgarem mais facil essa que a tarefa de compreenderem o coração e misterio da alma das mulheres—é bem um exemplo do bom senso inglês. Se a resignação é um dos bens que Deus permitiu á humanidade,

por que não ir ao seu encontro, francamente, sem hesitações, com confiança?

De que serviriam as lagrimas e recriminações dessas duas mulheres abandonadas se elles já nem delas teriam conhecimento? A fleugma inglesa, tantas vezes mal compreendida e interpretada, é, pois, o natural produto duma educação pratica e com um sentido de franca realidade.

A interpretação desta interessante obra—que é uma autentica obra literaria—a cargo das principais figuras da Companhia Inglesa, agradeu francamente a toda a assistência.

Margaret Vaughan, que tem nesta peça o principal papel, foi inexcusável de elegancia e correção.

Daphne Rye, Edard Sterling e Richard William, nos restantes papeis, mantêm o conjunto e equilibrio que já ontem mereceram as nossas elogiosas referencias.

Uma centena de espectadores—se tanto. Nem ao meros a colonia inglesa de Lisboa, que é importante, parece patrocinar estes espectaculos.

Essa indiferença por uma companhia que é boa em toda a parte, e principalmente o desinteresse que parece demonstrar pela propaganda inglesa que a actuação de uma companhia dessa nacionalidade pode e deve produzir em Portugal, parece-nos tambem injusta.

L. L.

"Deus lhe pague"

Continua a constituir o assunto do dia a admiravel peça doutrinaría do illustre escritor Joracy Camargo, "Deus lhe pague", em pleno êxito no teatro do Gimnasio. "Deus lhe pague", formidavel desempenho do grande artista Procopio Ferreira, secundado pelos illustres artistas Ester Leão, Alexandre de Azevedo e José Gambôa, nos principais papeis, representa-se todos os dias às 21 e 45 e depois de amanhã, em "matinée", às 15 e 30.

Atrás do reposteiro

A revista "Bola de Neve" que no sabado de Aleluia se estreia, no Trindade, original de Matos Sequeira e Vasconcelos e Sá, musica de Wenceslau Pinto, Frederico de Freitas, Raul Portela e Raul Ferrão, tem, no primeiro acto, os seguintes quadros: 1.º "Cozinha á portuguesa"; 2.º "Mayonnaise"; 3.º "Fôra de horas"; 4.º "Verde e encarnado"; 5.º "A Praça da Concordia"; 6.º "Abaixo de zero" e 7.º "36.º ao sol", alem de varios "steks" e ballados, entre cortinas, um dos quais por uma notável atracção estrangeira.

—Nos meios teatraes foi ontem o assunto do dia uma desintelligencia havida entre dois empresarios, que tendo explorado cinema com êxito se propõem igualmente abordar explorações de teatro.

—O artista Saul de Almeida foi contratado pelo actor-empresario brasileiro Procopio Ferreira, para seguir consigo para o Brasil como director das "mi-enscenes" dos seus espectaculos.

—Partiram para Espanha, em viagem de recreio, as artistas Maria Matos e sua filha Maria Helena.

—Um artista português ha tempos retirado de cena, fará a sua reaparição, no Gimnasio, na estreia da peça, "O Bobo do Rei", interpretando um papel de destaque.

—Beatriz Costa, na revista "Bola de Neve" no Trindade interpretará os numeros: "Moço de Cozinha", "Menina de 1900", "Sôta" e "Arrumadora".

—Projecta-se uma digressão artistica pelo pais com uma peça de grande êxito, actualmente em cena num teatro de Lisboa.

—Luiza Satanela vai interpretar sei. numeros nos dois actos, remodelados, da revista "Zé dos Pacatos", na reposição que desta peça vai fazer-se no Avenida, brevemente.

—Seguiu ontem para o Porto o empresario Antonio de Macedo.

—A companhia inglesa "The English Players" trabalha no Sá da Bandeira do Porto, nas noites das proximas terça e quarta-feira; no sabado de Aleluia e no domingo de Páscoa.

—Realiza hoje, no Carlos Alberto do Porto, a festa artistica, o actor Octavio de Matos.

—Hoje, amanhã e domingo ("matinée" e duas sessões) são as ultimas, no Avenida, da peça triunfante "As Pupilas do sr. Reitor", que sai de cena em pleno êxito.

—Voltou a alegria ao Variedades, no qual continua, em successo a comedia "O Arroz Doce", que hoje se repete e que no domingo se repete em três espectaculos: "matinée" e duas sessões nocturnas.

—Foi fixada, definitivamente, para sabado de Aleluia, a estreia, no Maria Victoria, pela companhia Maria das Neves, da revista "Milho Rei", em que Mirita Casimiro reaparece integrada no seu desempenho, sendo todos os cenarios pintados pelo artista Sousa Mendes.

—Da sua casa de Madrid, regressa a Lisboa a vedeta "Dorita do Monte", que, no sabado de Aleluia, em dois numeros novos da revista "Zé dos Pacatos", reaparece no Apolo, na companhia de Rafael Marques.

"Golgota", no Odeon e no Palacio

São muitas as evocações cinematograficas da vida de Jesus. Se umas querem, apenas, dar-nos a emoção, digamos, até, o lirismo humano, grandioso da figura, com mais ou menos idealidade, outras pretendem realizá-lo em vida substantiva, como uma his-

(Ver continuação na pagina seguinte)

"AS PUPILAS DO SR. REITOR"

Grande magoa, a de saber-se que "As Pupilas do sr. Reitor", a peça linda, encantadora, vai sair de cena. Apenas hoje, amanhã e no domingo, para as suas despedidas do palco do



Avenida, em pleno triunfo, com toda a sua beleza, com todo o seu successo. Três noites apenas, em duas sessões, a preços populares, e, no domingo, mais uma "matinée", a ultima, às 15 e 30 horas, e ter-se-á concluido este êxito famoso, que deixa um grande rastro de saudade em quantos tiveram a dita de o ver.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ

TELEF. 2 7172

O Homem Sombra

um filme de Van Dyke com Myrna Loy e William Powell.

A's 21 e 30

CONDES

TELEF. 4 2533

S. M FAMILIA

com Robert Linen, Vanni Marcoux e Dorville.

A's 21 e 30

ODEON

Telef. 2 6 83

GOLGOTHA

(A vida de Cristo)

A's 21 e 15

PALACIO

A's 21 e 30

POLITEAMA

A's 21 e 30

PARIS

Telef. 2 877

Solrêe às 9 h.

MOULIN ROUGE

A Fada do Carnaval

CAPITOLIO

O ultimo milionario

TERRASSE

O OIRO

LYS

Telef. 4 8560

O OIRO

ROYAL

As 20 e 30

O Bandido de Texas

JARDIM

Telef. 4 5037

O Bandido de Texas

ROYAL

As 20 e 30

O Bandido de Texas

JARDIM

Telef. 4 5037

O Bandido de Texas

JARDIM

As 20 e 45

O Bandido de Texas

JARDIM

As 20 e 45

O Bandido de Texas

JARDIM

As 20 e 45

O Bandido de Texas

JARDIM

As 20 e 45

O Bandido de Texas

JARDIM

As 20 e 45

O Bandido de Texas

JARDIM

As 20 e 45

O Bandido de Texas

JARDIM

As 20 e 45

O Bandido de Texas

JARDIM

As 20 e 45

O Bandido de Texas

JARDIM

As 20 e 45

O Bandido de Texas

JARDIM

As 20 e 45

O Bandido de Texas

JARDIM

As 20 e 45

O Bandido de Texas

Espectáculos

(Continuação da página anterior)

toria que, sem ser vulgar, precisa, no entanto, de ambiente material. Está neste último caso o *Golgota*, de Devivier, que ontem se estreou no Odeon. O filme tem coisas boas e algumas más. Toda a parte arquitetural, o movimento da multidão, e até o entrecio que procura integrar-se na realidade são de bastante interesse. Ha, porém, imagens deslocadas, que resultam falsas, nomeadamente as do fim, que são excessivamente pretenciosas. O filme podia muito bem manter-se no seu genero documental, o que seria mais desculpavel. Excessivamente cinematografico, ele trai, por vezes, a majestade do assunto. A notar, como muito más, as vozes dos actores.—A.

“As pupilas do sr. Reitor”, no Tivoli

O exito de *“As Pupilas do sr. Reitor”* é verdadeiramente consolador. Nunca se assistiu nos nossos ecrans a um triumpho tão completo e tão justo. Triunfo artistico e triumpho popular. Exito de critica e exito de publico. Toda a gente está de accordo em afirmar que *Leitão de Barros* conseguiu realizar o melhor filme português de todos os tempos: como tecnica, como interpretação e como espectáculo. Tudo o que ha de belo na nossa terra—as festas, as desfolhadas, as procissões, as vindimas, as canções—aparece valorizado com uma fotografia notavel de Heinrich Gartner e uma musica portuguesa, cheia de cor e de inspiração. Dificilmente se poderia realizar outro filme tão sinceramente português como este. *Leitão de Barros* conservou toda a beleza singela, todo o lirismo simples, do romance de Julio Diniz, numa obra que nos honra, porque honra o cinema nacional.

Augusto Soares

Quem vê o filme *“As Pupilas do sr. Reitor”* decerto notará a grandiosa cena da desfolhada com os seus interessantes bailes e desgarradas, e que tão citada tem sido pelos criticos. Pois toda essa parte coreografica foi realizada por Augusto Soares, um dos nossos maiores valores de teatro, e colaborador auxiliar de *Leitão de Barros* que muito o aprecia, e que foi também seu assistente no filme *“A Severa”* e administrador do mesmo em Paris. Augusto Soares foi convidado para, dentro da sua especialidade, dar uma valiosa colaboração a um grande filme que em breve começará a ser trabalhado em Portugal.

Actualidades

Alexandre Korda, director geral da produção da *“London Film”*, convidou Robert Flaherty, o realizador de *Man of Aran* (em Portugal: *O Homem e o Mar*), a dirigir um filme cuja acção se desenrola completamente nas Indias. O argumento será do proprio Flaherty a quem prometeram a maior liberdade de trabalho; sendo a planificação de Lajos Biro.

O Japão, vencedor o ano passado do 4.º Concurso Internacional de Filmes de Amadores, apresenta este ano, em Barcelona, valiosos trabalhos. A França, que costuma distinguir-se nos filmes de enredo, não concedeu este ano primeiro premio algum, nessa classe, no seu concurso nacional, o que faz prever que não enviará a capital da Catalunha trabalho de desse genero.

Realizou-se ante-ontem, em Paris, no cinema Marignan a apresentação, para a imprensa, da grande produção de Julien Duvierv *Golgota* que ontem se estreou em Lisboa nos cinema: Politeama, Odeon e Palácio.

O realizador Eric von Stroheim, escreveu um romance: *Paprika*.

Jules Rancourt, administrador do filme *Folies Bergere*, está escrevendo um romance que intitula: *Hollywood Star*.

Leitão de Barros escreveu um artigo, que sairá brevemente, em resposta á critica feita ás *Pupilas do sr. Reitor*, pelo seu colega Antonio Lopes Ribeiro.

AUTOMOBILISMO

Rampa do Gradil

Pede-nos o Automovel Club de Portugal que avisemos os concorrentes que ainda tenham os seus boletins de inscrição incompletos, e os que não possuem as cartas internacionais, de que devem ir a sua sede amanhã até ás 12 horas.

Os socios do A. C. P. têm entrada gratuita na Tapada de Mafra para assistir a corrida, desde que se munam dos cartões que podem requisitar na secretaria do club.

JOGO PERDIDO

A sr.ª Joana Pereira Sanches, vendedeira de jogo de lotaria e moradora no bairro da Belgica, 319, perdeu hoje na rua da Assunção um bilhete para a extracção de amanhã, com o n.º 6238.

Pede-se a quem o achou o favor de o entregar na Redacção do nosso jornal.

A Policia foi avisada do caso.

UM CASO EXTRAORDINARIO

de calculo immediato

Tivemos o prazer de admirar hoje na nossa redacção, alguns trabalhos de calculo, verdadeiramente notaveis, realizados pelo sr. Manuel Joaquim Lopes Junior, funcionario dos Caminhos de Ferro do Sul que nos visitou acompanhado pelo sr. Bento Rosado, guia-interprete official em Evora.

O principal merecimento dos trabalhos do sr. Lopes Junior reside na rapidez com que obtem os resultados dos seus calculos.

Ao ouvir pronunciar uma frase, por maior que seja a sua extensão, o sr. Lopes Junior diz imediatamente de quantas letras ella se compõe. Perante a idade de quem o interroga, o extraordinario calculista enumera, sem demora, quantos meses, dias, horas, minutos e segundos, estão compreendidos nesse espaço de tempo.

No que respeita a operações, quer de multiplicar quer de dividir, o sr. Lopes Junior trabalha também com uma rapidez espantosa, pois apresenta os resultados immediatamente após a enumeração dos problemas.

Trata-se na verdade de excepcionais faculdades de trabalho mental, pelo que felicitamos muito sinceramente o sr. Lopes Junior.

PUBLICAÇÕES

O conhecido columbofilo sr. Ezequiel de Castro e Menezes publicou agora um volume intitulado *“Pombos”*, que é um trabalho completo no seu genero. Custa apenas 2\$50 e torna-se indispensavel pelos ensinamentos praticos que encerra, a todos os amadores e criadores de pombos.

Assalto a um estabelecimento

Os gatuños entraram por meio de chave falsa no estabelecimento do sr. José da Silva Marques, rua Alves Torgo, 53, donde furtaram tabaco, dinheiro e generos. A policia vai investigar.

Lotarias

A fim de tratar de assuntos que muito lhe interessam e se ligam com deliberações que, segundo se diz, vão ser tomadas pela Misericordia de Lisboa, reúne-se hoje, pelas 21 e 30, na Associação Commercial de Lojistas de Lisboa, a classe do ramo de lotarias.

Club Estefania

Em homenagem ao ensaiador do seu grupo dramatico sr. Gomes de Sousa, realiza-se amanhã, ás 22 horas, um espectáculo teatral no Club Estefania.

Gremios regionais

No proximo domingo, ás 21 e 30, realiza-se, na Casa de Pedrogão Grande, em Lisboa, rua Eugenio dos Santos, 159, 2.º, um baile, que promete ser muito animado.

Um cruzeiro patriotico

Viajar num confortavel paquete, economicamente e com facilidades documentarias, é o que se consegue inscrevendo-se para a excursão do *“Carvalho Araújo”*, a sair para a Madeira e Marrocos, em 11 de Maio.

Pecam informações na agencia da Empresa Insulana de Navegação, Av. 24 de Julho, 2, 2.º—Telefone 2 0214.

Automoveis sem chauffeur

Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta

VENIDAS DE SUCATA DE FERRO E AÇO

Esta Companhia tem para vender na estação da Figueira da Foz, os seguintes lotes de sucatas de ferro e aço, cujos pesos são indicados aproximadamente:

Sucata de eixos de rodas de vagões, em aço, 3.000 quilos.

Sucata de aço de molas, 16.000 quilos.

Sucata de aros de rodas, em aço, 10.000 quilos.

Sucata de centros de rodas, em aço, 6.000 quilos.

Sucata miuda de ferro forjado, 25.000 quilos.

Sucata grossa e miuda de ferro forjado 30.000 quilos.

Recebem-se propostas até ao dia 23 de abril corrente, dirigidas á Direcção de Exploração em Figueira da Foz, encerradas em dois envelopes, o segundo dos quais deve dizer: *proposta para o concurso de sucatas*.

As propostas devem indicar o preço oferecido por cada lote que a Companhia se reserva o direito de vender juntos ou separadamente, e ainda o de adiar a venda se os preços oferecidos lhe não convierem.

No caso de aceitação de alguma proposta, o proponente depositará 50 por cento do valor da venda, logo que seja avisado.

Figueira da Foz, 7 de abril de 1935.

O engenheiro director da Exploração

Fernando d'Arruda.

A SEMANA MILITAR

Um grande desembarque

de forças de Marinha

numa das praias do Tejo

A *“Semana Militar”* que se realiza em Lisboa, no proximo mês de maio, por iniciativa da revista *“Defesa Nacional”* com a colaboração de unidades do Exército, da Armada e da Aviação, vai constituir, pelo seu ineditismo, um acontecimento de extraordinario relevo e de alto interesse popular.

Além das manobras na baía de Cascais, pelas unidades da flotilha ligeira, de exposições militares e outras demonstrações em recintos publicos, figura no vasto programa um numero que deve atrair grande multidão pelo interesse de que se reveste.

Para os profissionais militares também ele tem um significado excepcional e um valor tecnico apreciavel, pois não só representa um tema tactico e estrategico dos que mais frequentes vezes nos devem ser exigidos em caso de conflito armado, atendendo á enorme extensão do nosso litoral, tanto na metropole, como nas colonias, mas ainda porque nunca foi entre nós levado a efeito com tamanha envergadura e com tão elevados effectivos.

Trata-se de um desembarque de forças de infantaria e de artilharia de Marinha, realizado numa das praias da margem norte do Tejo, durante a tarde de domingo 19 de maio.

Ignora-se ainda a totalidade dos effectivos que, no entanto, não serão inferiores a um grupo de 3 companhias de infantaria e a uma bataria de artilharia. Todas estas forças farão uso da mascara anti-gás e do mais moderno material de guerra, recentemente adquirido para a Marinha, sendo a artilharia *“Schneider”* a primeira vez que sai dos depositos do Arsenal.

A preparação inicial de artilharia deverá ser realizada por uma divisão de canhoneiras, ou pelas unidades da flotilha ligeira que, como dissemos, farão durante a manhã uma demonstração naval na baía de Cascais.

O desembarque executa-se por escadões successivos e será auxiliado por uma esquadilha de hidro-aviões que tem a missão dupla de desalojar o hipotetico inimigo das suas posições mais proximas do local de desembarque e do estabelecimento de cortinas de fumo que ocultem o movimento das embarcações que se dirigem á praia transportando contingentes.

O grosso das forças será, possivelmente, conduzido a bordo do aviso *“Afonso de Albuquerque”* ou do transporte *“Gil Eanes”*.

O exercicio deve terminar com o ataque, por vagas de assalto, a uma suposta posição do adversario, batido então pelos fogos conjugados de artilharia de desembarque e da artilharia de bordo. Este ataque terá como fecho uma energica carga á baioneta.

Trata-se de um trabalho de apreciavel valor e significado que irá pôr á prova a competencia da officialidade da Marinha de Guerra e a destreza e magnifica preparação dos nossos marinheiros, aos quais, decerto, a população civil fará ensejo de, uma vez mais, manifestar o apreço e a admiração que lhes consagra.

Os contra-torpedeiros que vão tomar parte nas manobras em conjunto na baía de Cascais, andam na costa a treinar as suas guarnições para esses exercicios.

Viajantes

Partiu hoje no Sud para o estrangeiro o sr. coronel medico Mario Moutinho, illustre director do Hospital Militar da Estrela, a fim de tomar parte nos Congressos de Oftalmologia de Nice e de Paris e estudar assuntos da sua especialidade, devendo regressar em fins do proximo mês de maio.

Exposição de trabalhos escolares

Na Escola Valsassina inaugura-se amanhã, ás 15 horas, com uma sessão solene, uma exposição de trabalhos dos alunos daquele estabelecimento de ensino.

UM HOMEM GORDO QUE CON-

SEGUE DIMINUIR 20 QUILOS

Com passeios e Sais Kruschen

Qualquer pessoa nutrida que queira diminuir alguns quilos de peso pode tirar beneficios das experiencias feitas por este senhor gordo:

«Em pouco mais de um ano reduzi o meu peso de 102 quilos para 74,5, tomando diariamente, e de manhã, uma dose de Sais Kruschen e fazendo passeios a pé. Este regime durou apenas 6 meses, sendo para considerar a circunstancia de não ter recorrido a dietas nem ter sido preciso privar-me da minha bebida habitual a cerveja, que tenho continuado a tomar diariamente». G. L. B.

A sua gordura superflua desaparecerá se quiser ter o ligeiro incomodo de tomar todas as manhãs, antes do pequeno almoço, meia colher de chá de Sais Kruschen dissolvidos num copo de agua quente, modificando o regimen alimentar e fazendo exercicios regulares.

O que fôr perdendo em gordura irá ganhando em energia — em vigor — em ambição. Uma vida nova começará então e com ella o desejo de acção, de actividade, de luta. O seu sono será de pedra. A sua gordura desaparecerá, e os seus anos de vida prolongar-se-hão.

A venda em todas as Farmácias e casas da especialidade. Preço do frasco grande Esc. 17\$00 frasco pequeno Esc. 10\$00.

Radio Club Português

A assembleia geral de domingo

Depois de amanhã, domingo, ás 15 horas e 30, realiza-se, na sede do Radio Club Português, em Parede, a assembleia geral ordinaria daquela instituição.

E' de esperar grande concorrência de socios.

A revista *Radio Semanal* publica amanhã, na integra, o relatório e contas das gerências de 1933 e 1934 que foram brilhantes, pois obtiveram, respectivamente, os saldos positivos de esc. 133.84 e esc. 69.947\$27, mas os debitos do clube, em 31 de dezembro de 1934, atingiam ainda a elevada cifra de esc. 464.746\$21.

Celina Easo

E' hoje a despedida desta grande artista do Olympia Club

Celina Easo, a grande estrela de baile que no Olympia tem confirmado o seu grande valor internacional, finaliza hoje o seu contrato, não o podendo prorrogar como era vontade da empresa, visto a compromissos tomados com outras empresas no estrangeiro. O Olympia Club, que ainda ontem regorrigitava de publico, conta hoje ainda com uma maior enchente, dado ser o dia da despedida da celebre estrela.

Amanhã, para não fugir á regra, estrearse-á naquelle *“cabaret”* uma outra artista de grande nome, contratada directamente de Madrid.

Uma serie de conferencias

no Gremio Literario

A direcção do Gremio Literario e uma comissão de senhoras de sociedade resolveram promover nos proximos meses de maio e junho uma serie de cinco conferencias educativas, continuadas assim a brilhante tradição daquela casa, felizmente reatada no passado ano associativo em que se fizeram ouvir o almirante Gaga Coutinho, os drs. João Saraiva, Antonio Osorio, Hipolito Raposo e José de Ataíde. Os conferentes deste ano serão a poetisa sr.ª D. Maria de Carvalho e os drs. Luiz de Almeida Braga, Agostinho de Campos, Hipolito Raposo e Vieira de Almeida.

A admissão ás conferencias obtem-se por assinatura de toda a serie, cujo sumario e condições serão em breve tornados publicos.

FEIRA DE PARIS

Visita a Feira a mais importante do mundo onde aparecem as mais recentes novidades, havendo um concurso internacional de invenções. Excursão economica, todas as despesas incluídas. Visitar Paris em Maio é criar as mais saudosas recordações. Para todas as informações dirigir-se ao *“Turismo Portugal, Lda.”* R. da S. Nicolau, 82 r/c.—Lisboa. Teif 2.7141.

RUTHER.—Pelo seu poder antiseptico, pelo seu forte poder tonificante combate a *Caspa* e todas as *Doenças do couro cabeludo*, facilitando ao mesmo tempo o crescimento do cabelo. **UMA PALAVRA...**

RUTHER—revigora—tonifica—vitaliza os seus Cabelos. A venda na Farmacia Cortez. 91—Rua de S. Nicolau—93.

Hotel Miramar

MONTE ESTORIL

Hotel Costa. Cintra

Estranhas contradições**no processo do famoso crime do Monte das Soberanas**

O delegado do Ministério Público da comarca de Cuba, esteve hoje de manhã no Tórel a trocar impressões com os agentes Curral e Mira Leal acerca do crime chamado do Monte das Soberanas.

Como noticiámos, aquele magistrado promoveu novas investigações por estar convencido de que o cadáver Francisco Correia, mais conhecido pela alcunha de «Chico Saloto», não foi o assassino do lavrador Eduardo Baptista, embora teime em fazer-se passar como tal.

Segundo o aludido magistrado, há no processo numerosas contradições sobretudo no que respeita à maneira como o perso descreve o crime.

Antes de mais nada, o assassinio foi perpetrado em local diferente do indicado pelo «Chico Saloto». Depois, a arma homicida não apareceu mais; e tendo o assassino afirmado que ela era de carregar pela boca, os peritos verificaram que deve ser de fogo central.

O que mais tem intrigado os julgadores é a pressa que o preso tem de ser julgado não obstante saber de antemão que será condenado a pena maior.

No entanto, o preso, sempre que o interrogam, mantém a declaração de que é o assassino e não teve cúmplices.

—Que mal lhe fez o homem para você o matar?—preguntaram-lhe hoje os investigadores.

—Eu fui pedir-lhe trabalho e ele disse-me, à frente de outras pessoas, que não dava trabalho a malteses.

—Quem eram essas pessoas que estavam com o lavrador?—insistiram.

E ele:

—Não sei.

E também de estranhar que nenhuma dessas pessoas a quem o criminoso se refere tenham aparecido a confirmar o facto.

A 32.ª exposição

organizada pela Sociedade de Belas Artes

Inaugura-se amanhã, oficialmente, com a presença do Chefe do Estado e do Presidente do Ministério, a grande exposição anual da Sociedade de Belas Artes, grande acontecimento que costuma reunir os melhores nomes da nossa «élite» artística. Esta exposição, que é 32.ª que realiza a Sociedade de Belas Artes deve, sob todos os aspectos, ser um acontecimento de belo sentido artístico e cultural.

Saudações ao «Diário de Lisboa»

A Comissão de Propaganda de Cascais e a Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria tiveram a amabilidade, que agradecemos, de enviar saudações ao *Diário de Lisboa*, com palavras de deferência que muito nos honharam.

Banho tragico

FIGUEIRA DA FOZ, 12.—Quando hoje tomava banho na praia da Leirosa, morreu afogado o trabalhador Joaquim Silva, solteiro, de 21 anos, natural do lugar de Sampaio, na freguesia de Lavos, deste concelho.

Desastre de viação

Na rua de D. Pedro V chocou hoje um eléctrico com um carroço, guiado por David Antunes, de 42 anos, rua de Vale Formoso de Cima, 44-A, que foi cuspidor do assento, sofrendo ferimentos graves. O animal que puxava a carroça morreu.

Férias de Pascoa

Esta aberto, desde já, o «Hotel da Praia do Sol» — Costa de Caparica — proporcionando repouso e cura entre o mar e acácias em flor; serviço de restaurante. Tel. Can. 112.

A Cidade

UMA EVOCAÇÃO CURIOSA

Duas liteiras

por cinco escudos

Como se fundou o Museu Regional de Bragança graças á iniciativa do sr. dr. José de Figueiredo

Agora que Bragança está consagrando o abade de Baçal um dos homens bons de Portugal, sacerdote exemplar e investigador penetrante tanto no campo literário como no artístico, é interessante evocar a criação do museu regional daquela cidade que ele ha uns bons vinte anos dirige com escrupulosa proficiência.

A evocação, que é pitoresca e incisa, é feita pelo sr. dr. José de Figueiredo, cujos títulos omitimos para focar o seu esforço constante e inteligente em prol do nosso patrimonio artistico. Sem ele, ter-se-iam perdido centenas de obras de arte, os painéis de Nuno Gonçalves—em que não é demasiado insistir—telas de mestres, desbaratados nos solares da província ou prestes a desaparecer na vagem dos leilões, peças de ourivesaria, retábulos de igrejas, ceramicas, mobiliário, numa palavra, tudo quanto nos restava desse velho Portugal, que, apesar de saqueado pelos franceses, guardava ainda centenas de preciosidades dignas de museu. Esse trabalho de selecção, de identificação, de recolha, deve-se, quasi na sua totalidade, á providencia do presidente da Academia de Belas Artes. O que ele nos vai contar acerca da fundação do Museu Regional de Bragança tem o sabor curioso duma pagina de memorias. Sem a sua intervenção teriam desaparecido, vendidas ao desbarato, algumas das peças mais preciosas que hoje estão integradas naquela pinacoteca.

Em 8 de novembro de 1914—diz-nos o sr. dr. José de Figueiredo—recebia em Lisboa, dentro dum envelope, uma lista impressa, annunciando o leilão de varias peças de arte, na sua maior parte pertencentes ao Paço Episcopal de Bragança.

—Coisas interessantes?

—Algumas delas muito interessantes, e de real valor artistico como depois constatei. Preços baixissimos, mesmo ridiculos para o tempo. Por exemplo, duas liteiras, uma delas estado era susceptivel de arranjo, iam ao leilão por cinco escudos, enquanto a uma pessima oleografia, representando a primeira missa, no Brasil, era atribuido o valor de dois mil e quinhentos—cinquenta mil réis de agora—uma linda gravura, com a celsa dos apóstolos, vendia-se apenas por mais cinco tostões. Quatro cadeiras de encosto, de veludo cardinal, estavam marcadas por quatro mil e quinhentos. Uma serie preciosa de cadeiras de couro, de espaldar alto, com as armas episcopais, do melhor do genero, a quinze escudos cada uma. Imagine, eram tão boas que algumas delas estiveram na Exposição Portuguesa, do jogo da Pella, em Paris. Quadros a oleo a dez tostões, e tudo assim a proporção.

—Ficou alarmado!

—Como deve calcular! Imediatamente dei os passos necessarios para que o leilão dos bens ecclesiasticos, que estavam sob a alçada da Lei da Separação, fosse adiado. Cai ali como o cardinal Diabo.

Na estação esperava-me já uma chusma de antiquarios, alguns solici-

tos, outros furiosos, todos a quere-m-me convencer que o leilão não tinha importancia. Mas tinha. Durante alguns dias examinei cerca de 370 objectos. Apartei cerca de duzentos, e só depois, salvos os interesses sagrados do nosso patrimonio artistico, se fez a almoeda.

—Esses duzentos objectos...

—Trouxe alguns, poucos, para as Janelas Verdes. A quasi totalidade, porém, constitui hoje o fundo essencial do Museu de Bragança, juntamente com peças de epigrafia e escultura que ali estavam num pequeno museu municipal. Ao mesmo tempo, puz de parte algumas especies de bibliografias, a que o sr. dr. Julio Dantas aggregou outras, fundando-se por iniciativa dele uma biblioteca publica.

E, depois, avivando as suas recordações:

—Ao ver a importancia das coisas reunidas intel e consequi dos poderes publicos que em Bragança, fosse criado um museu regional. Não esqueço, porém, o apoio que me deu a comissão central da Lei de Separação—o dr. Artur Lopes Cardoso, que mais tarde era ministro da Justiça, o dr. Antonio Joyce, então governador civil, o falecido secretario daquela comissão central, Artur Costa, o jornalista Alvaro Carneiro, Moura Coutinho, Custodio Ribeiro, dr. Raul Teixeira, agora director do museu. Sem eles, a minha acção teria sido muito mais difficil.

—E o abade Baçal?

—Tenho que pôr em destaque, com verdadeira admiração, o seu desinteresse e o seu amor a Bragança, de resto já comprovados, nessa epoca, pela sua valiosissima obra de investigação.

Honro-me de ter sido eu quem o indicou para director do Museu de Bragança. E' curiosa a carta que ele escreveu a um amigo, que encarreguei de lhe falar sobre o assunto. E' um documento que revela um caracter. Peço que a transcreva, como uma das melhores homenagens que se lhe podem prestar.

Eis a carta:

Amigo C. — Não ha duvida: pelo amor que tenho aos livros e aos documentos antigos, sobretudo da nossa região, de bom grado aceito a direcção do museu e biblioteca anexa e a minha recompensa será o ter feito alguma coisa em favor desta terra abandonada.—Vosso Francisco Manuel Alves.

A experiencia na Avenida da India dum novo sistema de iluminação

E' hoje, pelas 21 e 30, que, no troço da avenida da India, compreendido entre o Arco do Bom Sucesso e Belem, se realiza a inauguração das demonstrações a realizar pela Sociedade Commercial Philippe Portuguesa, com as suas lampadas a vapor de sódio «Philora», que têm a vantagem da economia e de produzir uma luz amarela.

A GARRETT Largo do Chiado, 9 e 11

Almoços completos de 12 e 18 Escudos
Jantares completos de 15 e 18 Escudos

No «São Luiz»: Um filme mundialmente célebre!

O HOMEM SOMBRA

com a maravilhosa interpretação de WILLIAM POWELL e MYRNA LOY

Bebam a famosa CANA IMPERIAL

à venda nos Cafés,
Bars, Restaurantes, etc.
DEPOSITARIOS:
A. L. Simões & Pina Lda—Rua das Flores, 22
Tel. 2 3850

SUPREMO TRIBUNAL MILITAR

—O—

Foi confirmada a sentença

que condenou o autor

do atentado contra o 2.º comandante

da P. S. P.

Reuniu-se o Supremo Tribunal Militar, em Santa Clara, para julgar o recurso interposto pelo serralheiro Rolando Rodrigues da Silva, que, na primeira instancia, foi condenado em 20 anos de degredo, como autor do atentado contra o sr. major Ferreira Gil, segundo comandante da Policia de Segurança Publica.

Presidiu o sr. general Vieira da Rocha, ladeado plos vogais generais Vicente de Freitas e Amílcar Mota e almirantes Sousa Dias e Boaventura Ferraz.

Aberta a audiencia, o juiz-relator sr. dr. Afonso Velloso leu o recurso interposto pelo condenado e a sentença da primeira instancia.

Começados os debates, usou da palavra, em primeiro lugar, o sr. comandante Fernando Branco, promotor de justiça, que analisou o pedido do recorrente e todas as peças do processo, para concluir que no julgamento não houve irregularidades que justificassem alteração á sentença já proferida. Acrescentou que a pena deve ser confirmada.

Usou da palavra, a seguir, o sr. dr. Domingos Monteiro, patrono do condenado, que pretendeu demonstrar que o seu constituinte não tivera intenção de ferir o sr. major Ferreira Gil, visto ignorar de quem se tratava, quando disparou a arma. Terminou as suas alegações por pedir a diminuição do castigo aplicado no primeiro tribunal.

O conselho reunido, em conferencia, deliberou, por unanimidade, confirmar a sentença anterior. O respectivo accordo será publicado no di. 18.

O Rolando Rodrigues da Silva, que, como noticiámos, se evadiu do Governo Civil, e foi recapturado, na calçada da Marquês de Abrantes, encontra-se no Limoeiro, onde aguarda ainda julgamento no Tribunal Especial, por ser detentor de armas prohibidas.

Em maio deve dar entrada na Cadeia Nacional, a fim do começar a cumprir o regime da pena de silencio.

O Supremo Tribunal Militar, em Santa Clara, resolveu hoje n'andar arquivar o processo instaurado contra o sargento-ajudante José dos Santos Vaguiñas, condenado na primeira instancia em 18 meses de prisão correccional, sob a accusação de ter cometido um abuso de confiança.

Aquele tribunal superior, declarando ilegal a sentença da primeira instancia, deliberou absolver o sargento-ajudante Vaguiñas, que deve ser posto em liberdade na proxima quinta-feira.

Luiz Saude Junior

O seu funeral realiza-se amanhã da Casa da Imprensa

Chegou esta manhã a Lisboa, em caminho de ferro, em vagão atrelado ao comboio correio, a urna contendo o corpo do nosso camarada de imprensa, sr. Luiz Saude Junior, falecido repentinamente em Braga, no exercicio da sua missão profissional.

A trasladação realizou-se depois do meio dia da estação do Rossio para a sede da Casa de Imprensa, Caixa de Previdencia dos Profissionais da Imprensa, na rua do Loreto, de que o extinto era socio, como fundador da colectividade que precedeu aquela colectividade de assistência, previdencia e mutualismo.

No acto da trasladação incorporaram-se representantes do nosso colega «O Seculo», o ultimo jornal onde Luiz Saude trabalhava, e alguns jornalistas.

O funeral do desditoso jornalista realiza-se amanhã ás 14 horas da sede da Casa de Imprensa de Lisboa—rua do Loreto, 13—para o cemiterio do Alto de S. João. A Direcção da Caixa de Previdencia convidou os seus socios a incorporarem-se no funeral daquele que foi ha cerca de 40 anos, com o «velho Almeida», um dos mais activos socios e dirigentes da antiga Associação dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa.

Pinte
seus
belos
K
O
M
e se
sem
j
REPRESENTA
M. Ca
Avenida
Reis, 166
Telef.
DEPOSITA
Farr
Oliv
Rua da

VIDRARIA ALIANÇA

R. DA PALMA, 260

Completo sortido de louças, vidros, esmaltes e artigos de menage

O "RAID" LISBOA-VIENA

O "Steyr" chegou a Barcelona

às 8 horas e 20 de hoje
conseguindo a boa media horaria
de 69 quilom. e 460 met.

Como noticiámos, foi ontem iniciado, pelas 13 horas e 20, no largo Costa Pinto, em Cacilhas, com muito brilho, o «raid» automobilístico Lisboa-Viena, que se tornou possível, graças ao patrocínio do «Diário de Lisboa».

Os corredores propõem-se cobrir os 3.370 quilómetros, que separam Lisboa de Viena, em menos de 50 horas, sendo necessário uma média horaria de 67 e 400 para atingir o fim em vista. Não se trata, portanto, dum vulgar «raid». Pelo contrario, trata-se duma prova longa e difficil, que tem de ser feita em velocidade. Uma prova altamente desportiva, em que se revelará a tempera moral e as qualidades técnicas dos concorrentes.

A «equipe» chegou ontem à fronteira portuguesa às 16 e 17, demorando-se apenas o tempo necessário para os passaportes serem visados. Além destas demoras, os automobilistas só perderão tempo com o reabastecimento de gasolina e oleos. Foi alcançada, até esta altura, a notável média horaria de 82 quilómetros.

Os corredores, uma vez internados em Espanha, aproveitaram o optimo estado das estradas, para manterem uma média alta. Em grande velocidade, a caminho de Madrid, devoraram quilómetros e quilómetros.

Tiveram, porém, de abrandar, entre Trovillo e Navalmorra de la Mata, porque a estrada é muito accidentada e sinuosa. Quando o «Steyr» chegou ao cimo da montanha, no Miradete, os tripulantes rejubilaram, com a certeza de voltarem a percorrer, mais adiante, em optima estrada, uma longa recta, propicia á loucura das velocidades, ligando Talavera a Madrid. A média conseguida até ás cercanias da capital espanhola era de molde a animar os corredores. Mas não foi possível, infelizmente, mantê-la.

De facto, o trajecto Madrid-Barcelona é particularmente duro. Os bons troços de estrada foram percorridos a uma grande velocidade para compensar os maus pedaços de caminho. Ainda por cima, de Guadalajara, um pouco acima de Madrid, para diante, os corredores tiveram de lutar contra uma ventania rija, com a visibilidade prejudicada por espessas nuvens baixas, e, necessariamente, a velocidade teve de abrandar, resultando daí um abastecimento sensível na média horaria.

Apesar disso, a boa disposição já-mais abandonou os «volantes» Lopes da Silva e Torres Fernandes, e o nosso chefe de redacção, dr. Norberto Lopes, que segue como tripulante e com a missão de fazer a reportagem desta importantissima prova, que está agitando e interessando o meio desportivo.

Finalmente, ás 8 e 20, segundo o «contrôle» do organismo automobilístico catalão, a «equipe» chegou a Barcelona, com optima moral e melhor disposição, depois de ter lutado, durante algumas horas, contra a dureza do trajecto e a forte ventania.

Lisboa-Barcelona constitui um percurso de 1.320 quilómetros, acentuadamente mais que um terço do grande «raid» Lisboa-Viena, percorridos em 19 horas, o que dá a boa média de 69 e 460.

Esta média é realmente animadora, indicando claramente que Lisboa-Viena, em menos de cinquenta horas, está perfeitamente ao alcance de tão habéis corredores.

A hora do nosso jornal circular, a «equipe» portuguesa do «raid» automobilístico Lisboa-Viena deve encontrar-se em territorio italiano.

UM PROBLEMA MOMENTOSO

E' indispensavel

criar aerodromos

O deputado dr. Alberto Cruz expôs ao Diário de Lisboa as razões que motivaram o seu projecto

De entre os projectos de lei de que a Assembleia Nacional não teve tempo de se ocupar novamente, depois do parecer da Camara Corporativa, destaca-se, pela importancia do problema que visa resolver, o do distinto medico sr. dr. Alberto Cruz —inteligencia viva posta ao serviço entusiastico das causas, regionais, acerca da construção de aerodromos.

Dessa interessante iniciativa disse a Camara Corporativa, no seu parecer, estas eloquentes palavras:

«As medidas projectadas encontram-se desenvolvimentamente fundamentadas nos considerandos que precedem o articulado, não havendo que rectificar ou insistir nas razões de ordem tecnica e patriótica all expostas, razões que inteiramente convencem. Parece-nos por isso que, na generalidade, merece aprovação o projecto em causa».

Tornava-se interessante ouvir da boca do sr. dr. Alberto Cruz o que ele diria em defesa da sua idéa, se a Assembleia Nacional tivesse podido apreciar de novo o assunto:

—Começaria por perfilhar inteiramente o interessante parecer da Camara Corporativa. Lembraria que os illustres aviadores que fazem parte da Assembleia já haviam desculpado o meu atrevimento em tratar d'assuntos respeitantes á sua profissão ao verem que o meu projecto era destinado a dar mais eficiencia á sua arma e a facilitar-lhes a nobilissima missão que têm a desempenhar. Foi formidavel—acrescentaria—o papel desempenhado pela aviação na guerra passada, de tão triste e horrorosa memoria, e mais formidave' até decisivo, numa futura guerra: Deus afaste, mas que a loucura dos homens aproxima a passos agigantados. Duas palavras irritantes pelo sentido e pela sonoridade, martelam constantemente os nossos ouvidos: Crise e Guerra. Andamos a trabalhar para debelar a primeira e temos de nos preparar para aguentar a segunda. Os jornais não nos falam senão de armamentos, de conferencias suspeitas e de preparativos militares. Ha poucos dias ainda, o illustre deputado e proficientissimo official de Marinha, comandante Alvaro Morna, disse: «Deus sabe a que distancia estamos da Guerra!».

E o sr. dr. Alberto Cruz fez para os nossos leitores mais estas considerações que reservava para a Assembleia:

—Ora se é assim, se assim tem de ser, preparemo-nos nós também para a defesa sagrada do nosso territorio. A' apreciação da Assembleia já foram submetidos varios diplomas nesse sentido, a que os illustres deputados,

por serem bons e leais portugueses deram o seu mais caloroso aplauso. Foi ainda com esse alto objectivo que eu trouxe á apreciação da Assembleia o meu pequeno projecto de lei que visa a auxiliar as iniciativas particulares e as autarquias locais na preparação de aerodromos ou de pistas de aterragem e descolagem que funcionarão como campos de socorro em qualquer má emergencia. Tal como se encontra o problema de campos de aviação no nosso país, a quinta arma só pôde ter regular eficiencia á volta de Lisboa. Mas, se é certo que a defesa da nossa capital deve ser feita no sentido de a tornar quasi inexpugnável pois é nela que reside o cerebro que comanda e orienta o organismo nacional, não é menos certo que essa defesa deve fazer-se em toda a parte onde haja um palmo de terra portuguesa. Se ha nucleos de defesa militar terrestre disseminados por todo o país, também a aviação deve estender-se até aos pontos mais longínquos da capital, em locais designados pelos tecnicos, para com esses mesmos nucleos eficientemente cooperar. Essa opinião tenho-a eu lido em varias revistas da especialidade e ouvido aos nossos mais distintos officiais. Mas, para que a aviação possa cumprir a sua elevada missão, em conformidade com os pontos de vista que defendo, é necessaria a preparação de aerodromos e de campos de socorro entre eles.

Um aspecto interessante:

—Para que o Estado não tenha de dispendir formidáveis quantias na aquisição e preparação de todos os campos necessários, é que eu pretendi, com o meu projecto, animar e auxiliar as iniciativas particulares, de que o nosso país é tão fértil. Transformado em lei, o Estado terá uma participação nesses empreendimentos de tão altos objectivos nacionais. Quem percorrer o ceu de Portugal, do Norte ao Sul, como eu quasi percorri, verificará que, para cima do Tejo, em virtude da topografia do terreno—não ha grandes planicies—só por milagre se salvarão os aviadores e os aviões no caso de qualquer percalço. Isto é lamentavel, como é lamentavel que o Porto, a segunda cidade do país, de tanta importancia comercial e industrial, não tenha ainda um aerodromo convenientemente apetrechado.

—Mas o seu projecto não visava a beneficiar Braga?

—Servindo todo o país, serviria também Braga, onde um inglês vai construir, junto do campo da Palmeira um magnifico hotel, e onde a Comissão de Iniciativa e Turismo—a

GLASURIT

Esmaltes e vernizes de
1.ª qualidade
Para todas as applicações



DR. ALBERTO CRUZ

que presido—pensa em arranjar um campo de «golf», tudo com o fim de proporcionar aos turistas aéreos o conforto e as distrações que eles exigem. Porque é duma grande importancia para o desenvolvimento do Turismo. Além disso, necessitamos educar a nossa mocidade no culto do desporto aéreo que chamaria aos campos, quando mais não fôsse por curiosidade, centenas de rapazes. Ha muitos jovens na provincia—e em Braga conheço-os eu—que desejam frequentar essa escola de destreza e de civismo que é a aprendizagem da aviação.

—Para a defesa nacional, o problema tem um grande interesse...

—Claro, porque os aviadores civis ficariam sendo pilotos de reserva para a hipotese de guerra. Os soldados improvisam-se rapidamente, mas os marinheiros e os aviadores têm de ser preparados com tempo. Sugeri, por isso, ao governo a idéa de mandar pilotos militares dar instrução nas terras onde houvesse aeroclubes. E' assim que se faz nos países que olham a sério para estas coisas.

Falou-se, a proposito, dos ultimos incidentes em campos desportivos. E o sr. dr. Alberto Cruz manifestou-nos a sua esperança de que como desporto aéreo não surgirão rivalidades, dando-se-lhe a sua verdadeira finalidade: criar o «mens sana in corpore sano».

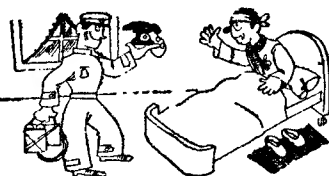
O nosso entrevistado disse-nos que foi o major-aviador sr. Pinheiro Correia quem mais o incitou a apresentar o seu projecto e quem lhe deu os melhores elementos, e que está também muito grato á valiosa colaboração dos seus colegas na Assembleia, aviadores major Alfredo Silva e comandante Ortins de Bettencourt, do capitão-aviador Carlos Beja, bem como das entidades competentes.

E terminou afirmando que, como pessoa disciplinada, acatou a resolução da Assembleia, por ver que não havia realmente tempo para ela se voltar a ocupar do assunto, acrescentando:

—Exorimi—e mantenho-a—a minha convicção de que o governo, dada a importancia nacional do problema, dará inteira execução ao meu projecto durante o interregno da sessão legislativa.

O crime da rua 1.ª de Dezembro

Foi hoje enviado ao tribunal da Boa Hora o preso Ernesto Galo que ha dias assassinou a tiros de revolver o mestre de obras Pedro Alves, na rua 1.ª de Dezembro.



Depois da constipação apanhada, Montador á porta....

«RUTHER» — Tendo o aspecto de loção, não é uma loção. Ruther é a seiva, o alimento dos cabelos. Usado diariamente, ao mesmo tempo que vos libertará da irritante caspa, dará ao vosso cabelo um brilho e uma beleza verdadeiramente notaveis.

No TIVOLI: Um grande exito artistico e popular

AS PUPILAS DO SR. REITOR

O melhor filme português e o mais português de todos os filmes!

DESPORTES Mundanismo

«Rugby» internacional

Amanhã, realiza-se no campo das Amoreiras o I Lisboa-Espanha, em «rugby». Esta designação substitui a do III Lisboa-Madrid, em virtude da Federação Nacional Espanhola deslocar até nós a sua selecção nacional.

Os jogadores espanhóis chegaram hoje, acompanhados por varios dirigentes.

A «equipe» de Lisboa, a quem incumbirá a missão de derrotar a Espanha, só será definitivamente constituída na ocasião do jogo. No entanto, encontram-se seleccionados os seguintes elementos: Licínio Vaz, Calheiros, Rodrigo, Bastos e Jacinto (Belenenses); Norton, Morgalo, Caiola e Cesario (Sporting); Antunes, Xavier de Araújo (capitão), Hermes, Garcia, Albergaria, Francisco Silva, Bruxelas, Branco, Gonçalves e Reis (Gimnástico); Albino, Teixeira, Videira e Jorge Costa (Benfica).

Por sua vez, a selecção espanhola sairá, deste fortissimo núcleo de jogadores:

Retines, Sabrá, San Miguel, Morayta, Fayola, Jaime, Rafa, Ortega, Bengoa, Espanhol, Del Campo e Audinert (Madrid); Perez Lopez, Canela, Cabezas, Ferreras, Del Caz e Duran (Gimnástico); Marin (Atletico); Georgacópulos (Valenciana) e Jover (Atletico).

O encontro será dirigido por um arbitro português.

A organização deste «match» internacional constitui um pesado encargo financeiro para aqueles que se abalancaram a tal empresa.

Justo é, portanto, que o publico saiba acariar a iniciativa. Os preços estabelecidos são de molde a produzir-se esse desiderato: bancada numerada, 7\$50; bancada superior, 5\$00 e geral, 3\$50.

«Basket-Ball»

Realizando-se, no proximo dia 15, em Madrid, o I Portugal-Espanha, em «basket-ball», a respectiva Federação organizou para hoje, no Ateneu, um festival para apresentação e treino do «team» nacional, que redundará, decerto, em festa de homenagem.

A's 21 horas, Benfica-Lusitano (infantis); ás 22 horas, selecção Nacional-Ateneu (reforcado com os internacionais supletivos).

Jogos internacionais de «foot-ball»

A nossa actual temporada internacional é pobre. Apenas o Portugal-Espanha. O mesmo não se poderá dizer da proxima. A direcção da Federação de Football, que se tem dedicado ao assunto com muito carinho, tem já assente para a proxima temporada, possivelmente, em janeiro, a realização de dois grandes encontros internacionais de «foot-ball»: o Portugal-Austria e o Portugal-Alemanha.

«E'quipe» nacional de «foot-ball»

Os portugueses apresentavam-se em campo, em jogos internacionais, de «maillot» vermelho e calções pretos.

Como essa é, porém, também a «equipe» espanhola, ha que modificar a nossa, visto sermos os visitados.

E assim, a direcção da Federação resolveu que os jogadores se apresentassem contra a Espanha, com «maillot» branco, ostentando no peito as quinas nacionais, e calções azues escuros.

O aniversario do Queluz

O II aniversario do Queluz Atletico Club promete resultar brilhantissimo. Organizar-se-ão festas locais, que ficarão memoráveis. Para o efeito, foi organizada uma grande comissão composta por individualidades de destaque no desporto local.

Campeonato lisboeta de «tennis» em 2.ª categorias

Realiza-se, nos proximos dias 19, 20 e 21, nos «courts» do Campo Grande, o campeonato lisboeta de «tennis» em 2.ª categorias. A organização é do Sporting Club de Portugal e tem o patrocínio da respectiva Federação. Será jogada a prova singular-homens aberta a todos os jogadores que não estejam incluídos na 1.ª categoria.

A inscrição, de dez escudos, encerra-se no proximo dia 16, no Sporting. Haverá uma Taça para o primeiro classificado, de posse definitiva, um segundo premio e dois terceiros.



Cevadas

Comum, c/ k.º..... 2\$40
Santa, especial, c/ k.º..... 4\$00

Pureza absoluta

Bem torradas. Bem moidas
Terra e moagem diarias

A Mariazinha

Rua Barros Queiroz, 26 e 28
(Travessa de S. Domingos)

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Viscondessa de Sacavem, D. Laura Judith Correia Mourão, D. Carlota Alves de Carvalho, D. Izabel de Noronha de Paiva Couceiro, D. Maria Constança Fialho de Sousa Coutinho (Linhares) e D. Manuela Rubio Lopes.

RUTHER—deve sempre existir no seu toucador, repare bem e faça dele o seu confidente; pois ele restituir-lhe-á aos seus cabelos a sua coloração primitiva, combatendo a Caspa e a queda do seu precioso cabelo.

A venda na **Drogaria Açoreana, de Ferreira & Ferreira, Lda, 99—Rua da Prata—101.**

DE LUTO

D. Maria da Graça Lourenço

Faleceu em Caldas das Taipas, onde residia, a sr.ª D. Maria da Graça Lourenço, proprietária, viúva, mãe do sr. Antonio Manuel Lourenço, proprietário, e das sr.ªs D. Candida Lourenço e D. Maria da Graça Lourenço, e tia do nosso camarada de imprensa sr. Alfredo Wunderlich Lourenço, a quem endereçamos os nossos pesames.

Festa escolar

Promovida pela Caixa Escolar, realiza-se no proximo domingo, as 14 horas, na Escola Commercial de Rodrigues Sampaio, uma festa de homenagem ao sr. dr. Adolfo Coelho, professor daquele estabelecimento de ensino.

CONFERENCIAS

E' hoje, como temos noticiado, que a sr.ª D. Maria Lucília Alves de Oliveira realiza, as 21.30, na Universidade Popular Portuguesa, um serão literario em que dissertará acerca de Antero de Quental. Entrada livre.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Como se faz um homem».

Trindade—A's 21 e 30—«Pymallion».

Gimnástico—A's 21 e 45—«Deus lhe pague».

Avenida—A's 20 e 50 . 22 e 50—«As Pupilas do Sr. Reitor».

Variedades—A's 21 e ás 23—«Arroz doce».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.

Tivoli—A's 21 e 30.

Condes—A's 21 e 30.

Pólitima—A's 21 e 30.

Odeon—A's 21 e 15.

Impia—Das 14 e 30 ás 2.

lado Terras—A's 21 e 1.

Capitolo—A's 21

Royal-Cine—A's 21 e 30.

Palacio—A's 21 e 30.

Paris Cinema—R. Domingos Sequeira.

Jardim Cinema—Av. Alvares Cabral.

Eden-Cinema—R. do Alívio, a Alcantara.

Belem-Jardim—A's 2.

O RESTAURANTE «CHIC», da praça dos Restauradores, aberto toda a noite, dá garantia de asseio porque tem uma cozinha modelarmente montada e uma «Frigidair» que mantém os mariscos, carnes e peixes, nas melhores condições de consumo.

Serviço à Carta. rapido abundante e perfeito.

Aos Industriais

Queréis saber exactamente por quanto vos saem os vossos productos? Queréis saber o tempo util de trabalho de cada maquina?

Queréis saber o modo de conseguir embaratecer ainda mais os productos que fabricais?

Queréis produzir mais?

Alicai um aparelho de contrólê

«ZENITH-Recorder»,

Oliveira & Corte Real, Lda.

R. dos Fanqueiros, 62, 2.º, Dt.—Lisboa

Congresso da Aliança Internacional Hoteleira

Realiza-se em Bruxelas, de 12 a 20 de maio proximo, o Congresso da Aliança Internacional Hoteleira, no qual serão representados mais de 40 países e se tratarão assuntos da maxima importancia para a industria hoteleira e para o turismo mundial.

Os hoteleiros portugueses que desejem assistir devem fazer a sua inscrição, por intermedio da União Hoteleira de Portugal, até ao dia 15 do corrente.

Festa associativa

O Carvalho Araújo Sport Club comemora no proximo dia 14 o primeiro aniversario da sua fundação.

A's 15 horas haverá uma sessão solene durante a qual se fará o descerramento do retrato do heroico comandante Carvalho Araújo, fazendo uso da palavra varios oradores.

Em seguida realizam-se varias provas desportivas, bailes e quermesse.

Na sede da Associação Concentração Musical 24 de Agosto realiza-se amanhã uma festa, para a qual foi organizado um esplendido programa.

Procopio Ferreira no Gremio Lirico Português

O cha-concerto de amanhã no Gremio Lirico é dedicado ao grande actor brasileiro Procopio Ferreira que assiste a festa. No programa toma parte, entre outros, o distinto soprano D. Eduarda Sarmento, um dos nossos valiosos elementos liricos. A direcção prepara uma cordealissima recepção ao grande artista brasileiro, que deve chegar ao Gremio pelas 17 horas.

Festa de caridade

No domingo de Pascoa realiza-se, no Jardim da Estrela, organizada por uma comissão da nossa primeira sociedade, uma festa infantil de caridade, cujo produto se destina a doentes pobres.

Os móveis pintados a DUCO



...duram mais
...realçam mais

DUCO valorisa os móveis — quer sejam de madeira ou de metal —, dá-lhes maior realce e permite-lhes resistir, sempre bonitos, aos choques e pancados do uso diário.

Os móveis de madeira ficam com uma superficie lustrosa que não desvaneca nem estala. A água não lhe tira o vivo colorido.

Aos móveis de metal, DUCO reveste-os com uma espécie de película rija, impermeável e flexível.



BETHENCOURT BROS., LTD.
Rua Aurea, 132-138—LISBOA

SORIA, LTD.

Rua Sá da Bandeira, 214-216—PORTO

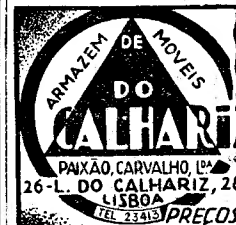
Não deixe de admirar a nova colecção

de relógios para parede e mesa que o

TORROAES recebeu.

MODELOS PROPRIOS PARA AS M. BILIAS MODERNAS

119—R. PRATA—123
Telef. 2 4210



MOBILIAS DE ESCRITORIO, GENERO AMERICANO

E EM TODOS os ESTILOS. Artes Decorativas

PAPEIS PINTADOS DESENHOS MODERNOS

SEMPRE GRANDE STOCK

Cretones // Damascos // Veludos

Oleados // Carpetes // Pergamoides

ELEGANCIA-ARTE MAPLES

FABRICO ESMERADO NAS NOSSAS OFICINAS

PREÇOS SEM COMPETENCIA VISITEM A NOSSA EXPOSIÇÃO

BOLSA DE LISBOA

12 de abril
CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 6 1/2 0/0 1923 convert. em 3/4 0/0 1934	1.113\$00	1.112\$00	1.113\$00
Consolidado 5 1/2 0/0 1913	1.074\$00	1.073\$00	1.074\$00
4 1/2 0/0 1933	998\$00	998\$00	1.000\$00
4 0/0 1913	935\$00	—	—
Externo 3 0/0 1.ª Série	1.553\$00	1.552\$00	1.558\$00
3 0/0 2.ª	—	—	—
3 0/0 3.ª	—	1.560\$00	1.570\$00
Emp. 4 1/2 0/0 1912	—	—	2.180\$00
6 1/2 0/0 1930-Cons.	520\$00	519\$00	520\$00
6 3/4 0/0 1930-Porto	515\$00	514\$00	—
6 0/0 1932	—	1.030\$00	1.031\$00
Acções			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	450\$00	445\$00	465\$00
Lisboa & Açores, port.	—	390\$00	392\$00
Portugal, portador	1.065\$00	1.060\$00	1.070\$00
Espirito Santo	—	—	—
C.ª DE SEGUROS			
Bonança	—	15.000\$00	15.500\$00
Fidelidade	—	199\$00	201\$00
Mundial	200\$00	680\$00	780\$00
Nacional	—	1.000\$00	—
Sagres	—	800\$00	—
Tagus	—	—	—
C.ª DIVERSAS			
C. P. ordinaria	—	—	100\$00
privilegiadas	—	—	—
Agua de Lisboa, port.	—	70\$00	70\$00
Cerveja Estrela	241\$00	240\$00	242\$00
Cimentos de Leiria	—	—	735\$00
Credito Predial	27\$00	26\$00	27\$00
Gaz e Electricidade	342\$00	342\$00	343\$00
Navegação	—	66\$00	69\$00
Portugal e Colonias	73\$00	73\$00	74\$00
Portuguesa de Pesca	221\$00	220\$00	221\$00
de Tabacos	405\$00	401\$00	405\$00
Tabacos de Portugal	—	340\$00	365\$00
Fabriqueira	—	—	—
União Electrica Portug.	208\$00	205\$00	208\$00
COLONIAIS			
Açúcar de Angola	—	500\$00	504\$00
Busi—1.ª Emissão	43\$50	43\$20	44\$00
—2.ª	—	41\$00	43\$50
Ilha do Principe	—	174\$00	180\$00
Obrigações			
C. P. 6 0/0	—	507\$50	509\$00
Prediais 6 0/0—1912	—	90\$00	—
7 0/0	118\$50	118\$00	119\$00
União Elect. Port. 7 1/2	—	128\$00	—
Busi 9 0/0	—	117\$00	118\$00

Henrique de Barros Gomes

Corretor officia da Bolsa de Lisboa
Telet. 2 5482 Rua S. Julião, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110\$00	110\$15
Paris	1\$50,1	1\$50,3
Madrid	3\$11,5	3\$11,9
New York	22\$7,3	22\$7,4
Zurich	7\$36,7	7\$36,7
Roma	1\$88,8	1\$89
Bruxelas	3\$85,8	3\$86,3
Amsterdão	1\$93,9	1\$94,0
Berlim	9\$15,9	9\$17,1
Praga	\$34,9	\$35
Rio de Janeiro	1\$40,3	1\$40,5
Libra ouro	—	—

Aos barbeiros

Aconselhamos uma vizita á bem conhecida casa, drogaria e pertumaria Viuva Dias, onde se encontra um colossal sortido de todos os artigos proprios para barbearias, aos melhores preços e qualidades.

Rua dos Fanqueiros, 342-344
(Em frente ao Mercado)

ANUNCIO

Pela 7ª Vara Cível da Comarca de Lisboa, 3.ª Secção, se anuncia que correm editos de 30 dias citando Bernardino Fernandes de Oliveira, casado, capitalista, cuja ultima morada foi na Rua da Bela Vista (à Graça) n.º 34, afim de, sobre a quantia em deposito (786\$50) exercer o direito que possivelmente lhe pertença nos prazos e termos legais, nos autos de remissão de foro em que são autores Mariana Pinto Gomes Soeiro, viúva, moradora na Praça do Ultramar, letrada C. A. L., 1.º, João Florencio Gomes, divorciado, empregado publico, morador na Rua São João da Praça n.º 18-2.º e Domingos Florencio Gomes ou Domingos Florencio Gomes Pinto, solteiro, maior, trabalhador, morador no Beco de Santa Helena, N.º 3-2.º, todos desta cidade, e reu Antonio Luiz Pereira Coutinho, morador em Alchochete, e credores hipotecarios e citando Bernardino Fernandes de Oliveira e Companhia Geral de Credito Predial Portuguez.

Lisboa, 16 de Março de 1935. — O Escrivão, Denis Nery. — Verifiquei: O Juiz de Direito, Luis Arruda Pereira.

No CAFE-RESTAURANTE «CHIC» ha os melhores mariscos e cerveja, como a que melhor se tira nos estabelecimentos congengeres.

DR. WACHSMANN MEDICO ARZT

Pelas Facs. de Lisboa e Berlim
Vias urinarias. Sífilis, Pele
Clínica Geral

Pr. D. João da Câmara 4-1.º. Tel.: 25153
8 1/2-9 1/2 h. (classes pobres) 18 h.-20 h.

ESTRANGEIRO**Escola Valsassina**

Internato, Semi-Internato e Externato
Amanhã as 15 horas abertura oficial da
exposição de trabalho escolar dos alunos
Avenida Antonio Augusto Aguiar, 148
Telef. 4 1035 P. B. X.

As tempestades de pó

que estão assolando a região de Kansas

KANSAS CITY, 12.—As densas nuvens de pó que ultimamente têm caído em varios Estados americanos continuam a causar vítimas e prejuizos elevadíssimos.

No campo, horrivelmente desfigurados e inteiramente cobertos de pó, foram encontrados mortos velhos desparecidos, quasi desde o primeiro dia em que as estranhas nuvens de pó começaram flagelando a região.

Oito Estados sofreram já a assolação deste terrível flagelo. Os campos numa extensão de muitos quilómetros estão totalmente cobertos de poeira que espalhou a morte e destruiu as culturas.

Pela primeira vez se verificou que a chuva não exerce influencia nas tempestades de poeira. Pelo menos, aparentemente, parece que o pó é que afasta a chuva.

No Estado de Colorado, onde se desenvolveu a nova doença «pneumonia do pó», começaram já os habitantes dos campos a usar mascarar contra a poeira.—(United Press).

Um "record," de aviação

Inglaterra-Australia em 15 dias

LONDRES, 12.—Joan Betten, a jovem aviadora que o ano passado bateu o «record» Inglaterra-Australia em 15 dias, partiu hoje de Sydney ás 6 e 30 (hora local) para tentar o percurso em sentido inverso com o mesmo avião.—(Havas).

Vinte e três crianças mortas num desastre

RECKVILLE, Maryland, 12.—Um comboio chocou com um «auto-omni-bus», que transportava umas trinta crianças. Morreram 23 e as restantes ficaram feridas.—(Havas).

Mussolini condecorado pela Franca

PARIS, 12.—«Le Jour» diz que 1.700 antigos combatentes franceses irão na próxima semana a Roma, acompanhando o marechal Pétain, que vai entregar a Mussolini a «Medalha Militar», a mais alta distinção militar francesa.—(Havas).

BOLSA DE LONDRES

LONDRES, 12.—Bolsa de valores: pouca actividade, devido principalmente á expectativa motivada pelas declarações orçamentais da ultima segunda-feira. Fundos britânicos, em geral, mais altos.—(Havas).

RUTHER—pelo seu aspecto agradável, pelo seu perfume suave, pelas suas magnificas propriedades antisepticas e revigorantes é o tónico que o cabelo de V. Ex.ª necessita. Não se deixe envelhecer, cuide dos seus cabelos.

A' venda na Drogeria de Silva Neves & C.ª, Lda., 229, rua da Prata, 231.

Jóias, genero antigo

Lindos modelos e preços muito baratos. Compra-se ouro e prata.

Paga-se bem

Ouivesaria Santos Catita, L.ª

RUA EUGENIO DOS SANTOS, 44

**LEITE
ALPINA**
PASTEURISADO

Em garrafas seladas. Distribuição aos domicílios de Lisboa e Linha de Cascais.

Pedidos a ALPINA, Ltda. Carreiros ou telef. 21838 Lisboa.

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clínica de Necker — Paris

RINS e vias urinarias—Venereologia e sífilis.—T. N. de S. Domingos, 9, 1.º
as 15 horas—Telefone 2 9062

Manifestações anti-semitas

nas ruas de Bucareste

BUCARESTE, 12.—Os estudantes da Universidade de Bucareste realizaram violentas manifestações anti-semitas. Os academicos, divididos em grupos, interpelavam todos os transeuntes que apresentassem aspecto físico judaico. As pessoas que, na realidade, pertenciam á raça semita, eram soçadas. Ha muita gente ferida. Um advogado encontra-se em perigo de vida. A Polícia interveio e carregou sobre os manifestantes, que travaram luta.

As desordens foram provocadas pelo facto de ha dias cinquenta estudantes de Medicina, judeus, terem agredido cinco colegas cristãos. Os animos continuam exaltados, pelo que se teme que os incidentes tenham repercussão noutros pontos do país.—(Americana).

Foi restabelecida a ordem

na cidade de Belem

RIO DE JANEIRO, 12.—Noticias de Belem dizem que está restabelecida a tranquillidade. O major Magalhães Barata, ex-interventor no Pará, comunicou oficialmente ao governo ter sido eleito presidente constitucional daquele Estado, pela unanimidade dos deputados presentes á sessão da Assembleia.—(Americana).

Congresso Internacional de Cinematografia

BERLIM, 12.—De 25 do corrente a 1 de maio reunir-se-á nesta capital o Congresso Internacional de Cinematografia em que tomarão parte 400 delegados. A maior representação será a da Checoslováquia, que contará 100 delegados, seguindo-se-lhe as da França, Inglaterra, Suíça, Bélgica, Austria, Hungria e Suecia.—(United Press).

A questão do Chaco

RIO DE JANEIRO, 12.—Consta que a Argentina resolveu desinteressar-se da questão do Chaco, desde que o Brasil persista na sua atitude de abstenção.—(Havas).

A PAZ ARMADA

Medidas de precaução em Paris

PARIS, 12.—A sub-comissão de Defesa Pacifica, continua a ocupar-se cuidadosamente do problema da defesa da população civil contra possíveis ataques aereos. Nos folhetos de propaganda que faz distribuir aconselha a população a adquirir mascarar protectoras contra os gases, e dá instruções quanto á maneira pratica de se procurarem refugios em caso de ataques aereos, ao mesmo tempo que recomenda a construção de caves e outros abrigos de defesa em todos os bairros.—(United Press).

MANIFESTAÇÃO RESOLVIDA

pela Polícia de Paris

PARIS, 12.—Ontem de manhã 300 desempregados organizaram uma manifestação, servindo-se de camionetas de passageiros, nas quais ostentaram grandes cartazes em que se lia o plano de trabalho preconizado pela Confederação Geral do Trabalho.

Quando chegaram á Praça de Italia a Polícia obrigou-os a seguir para o commissariado, onde pouco depois foram restituídos á liberdade, ficando, porém, apreendidas as camionetas. Não se registaram incidentes.—(United Press).

NOTÍCIAS DE ESPANHA

O problema do desemprego

MADRID, 12.—Francisco Cambo, ex-ministro das Finanças e chefe da Liga Regionalista Catalã, fez ontem uma conferencia sobre assuntos economicos, preconizando a necessidade de se adoptar em Espanha uma «politica de grandes trabalhos publicos», a exemplo do que se pratica nos Estados Unidos e na Argentina para «remediar o desemprego e a crise industrial».—(Havas).

As cadeias não chegam para os presos

MADRID, 12.—O ministro da Justiça declarou que o numero de presos, que outrora era de 7.000, é actualmente superior a 24.000. Em vista do Governo encontrar dificuldades para os alojar, pensa em apressar a criação dos campos de concentração.—(Havas).

O rapto do milionario Bonet

dá que fazer á Polícia de Havana

HAVANA, 12.—O rapto de Falla Bonet pelo resgate do qual foi paga a quantia de 300.000 dolares, causou grande sensação e alarme em todo o país. A Polícia conseguiu já recuperar 10.000 dolares dos 300.000 que foram pagos pelo resgate. Aquela soma foi apreendida em varias casas comerciais, o que vem confirmar que a Polícia tem, de facto, em seu poder o numero das notas que foram entregues aos autores do rapto.

Foi já effectuada a prisão de 20 individuos, supostos cúmplices do rapto, mas crê-se que pelo menos 16 sejam dentro de breve restituídos á liberdade, por nada se provar contra eles.

O tenente da Polícia, Juan Padron, declarou aos jornalistas que ha suspeitas de que o sequestro do milionario Bonet haja sido levado a cabo com a conivencia do partido «Jovem Cubano», presidido por Antonio Guiteras, ex-ministro do Interior. Esta suposição, contudo, acrescenta o tenente Padron, carece ainda de provas.—(United Press).

Morte do conde de Dundonald

LONDRES, 12.—Com a idade de 82 anos, faleceu hoje o conde de Dundonald, coronel honorario do 91.º regimento de «Highlanders», que prestou relevantes serviços ao país durante a Grande Guerra, especialmente ao Almirantado Britânico. Serviu tambem no Egipto e na Africa do Sul.—(Havas).

Não queira envelhecer preme uramente...

Juvenia, palavra o diz, é a juventude dos cabelos.

Dissimuladamente, pouco a pouco, torna o cabelo, branco ou grisalho, á cor que tinha dantes.

A sua applicação é simples e facil, podendo ser feita em casa sem a dispendiosa ajuda de ninguém.

Juvenia é um tónico vegetal de cor branca, que não mancha a pele, não suja o cabelo, evita a caspa e não contém nitrato.

Por amor dos seus cabelos recuse tudo que não for Juvenia.

A' venda em toda a parte.

Os fortificantes polifosfatados são, na opinião dos medicos nacionais e estrangeiros, os melhores

M de J. C. F., depois de uma simples operação de apendicite, não recobrava as forças de maneira alguma. Febres ligeiras de noite. Nervosidade. Fraqueza geral. Náuseas. Vertigens. Urinas turvas. Pouco apetite. Dores de Cabeça. Insónias.

Tratado com vitacola ao primeiro almoço, lanche e ceia, restabeceu-se em 15 dias. (Caso n.º 376).

A Vitacola é o melhor dos fortificantes. Pergunai ao vosso medico a sua opinião sobre a Vitacola.

A Vitacola contém Lecitina, Glicerosfostatos, Cola fresca, farinhas maltosadas, etc. E' de um gosto e paladar deliciosissimos. De grande digestibilidade, não cansa o estomago. Fórmula do Prof. Schweninger, de Berlim.

Lata, Esc. 12\$50; Meia Lata, Esc. 7\$50. A' venda em todas as Farmacias, drogarias e mercearias.

E' um produto da Quimica Luso Alemã, Rua Pinheiro Chagas, 93 — LISBOA.

Prefira a «CHIC» para os seus almoços e jantares, e verá que todo o serviço lhe dará inteira satisfação

Dr. Armando Narciso

Clinica medica

PRAÇA RESTAURADORES, 48, 1.º

Telef. 21738



**MOCIDADE
ETERNA**

casados ha 20 anos
e sem envelhecerem graças ao

RUTHER

TÓNICO BIOLÓGICO PARA O CABELO

**Companhia das Fabricas
Ceramica Lusitania**
Grandes fabricas de bons pro-
dutos ceramicos de
**TODOS OS GENEIOS E PARA
TODOS OS USOS**
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga,
Setubal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUEMORA O PATR?

ULTIMAS NOTICIAS

ODEON — PALACIO
A super-produção gigante de
JULIEN DUVIVIER com
4.000 figurantes
GOLGOTA

A CONFERENCIA DE STRESA

Os delegados do governo francês vão mostrar a importancia dos preparativos belicos da Alemanha

LONDRES, 12.—A Conferencia de Stresa reuniu-se esta manhã em Isolda Bella, devendo as conversações prosseguir esta tarde. Afirma-se que Mussolini, que preside á Conferencia, apresentará hoje o ponto de vista italiano quanto á actual situação politica da Europa. O dia de ontem foi consagrado principalmente á exposição feita pela delegação britânica, tendo nesse momento o primeiro ministro MacDonald insistido sobre os desejos da Gran-Bretanha em demonstrar a solidariedade dos três governos e o desejo de remover qualquer duvida quanto á intima comunhão de pontos de vista entre os três países, cuja politica visa a fortalecer e assegurar a paz no continente europeu. O ministro inglês declarou que um dos principais objectivos das recentes viagens empreendidas ás capitais da Europa foi tentar persuadir a Alemanha a reassumir o seu lugar junto dos membros da Liga das Nações, para tornar mais forte a organização da paz. Não significa a attitudé britânica qualquer indulgencia perante as recentes medidas de caracter militar levadas a cabo pelos dirigentes do Reich. A Gran-Bretanha consiera a S. D. N. como o unico organismo junto do qual devem ser tratados e discutidos todos os assuntos que se referem á actual situação. O principio da segurança colectiva está em primeiro plano na politica inglesa, e assim, a Inglaterra está disposta a empregar todos os esforços para que as disposições derivadas desse principio possam vir a ter applicação. Além disso, a Gran-Bretanha está absolutamente decidida a lutar por que se chegue a um acôrdo internacional sobre armamentos, aceitando a fiscalização dos armamentos por entidades nomeadas pela S. D. N. A Inglaterra deseja ardentemente que a Alemanha regresses a Genebra, mas não deixa de estar convencida de que esse objectivo só se atingirá não pondo condições que diminuam a confiança geral, unica base sobre a qual poderá assentar a paz entre todas as nações europeias. —(Havas).

Inquietação em Berlim

BERLIM, 12.—As ultimas informações vindas de Londres chegaram demasiado tarde a Berlim para que a imprensa da manhã possa já reflectir as reacções dos circulos governamentais. Os jornais berlineses continuam a sustentar que grandes divergencias separam a Inglaterra, a França e a Italia, e dizem que os ingleses querem a continuação das conversações com o Reich.

O «Berliner Tageblatt» mostra-se um tanto inquieto, e escreve: «A Inglaterra entende que não pode desobrigar-se dos compromissos já assumidos. Desejariamos saber o que quer isto dizer. Trata-se naturalmente de coisas novas, dizendo respeito ao reconhecimento do tratado ou a uma interpretação franco-inglesa, das obrigações decorrentes do mesmo tratado».

O «Voelkischer Beobachter» pergunta se a colocação de corôas de flores pelos franceses e ingleses no tumulo do general Cadorna, não seria uma manifestação a considerar. —(Havas).

Vai ser convocada uma nova Conferencia?

LONDRES, 12.—«A Alemanha será chamada a tomar parte numa conferencia a realizar após a reunião do Conselho da S. D. N.?», pergunta o correspondente em Stresa, do «Daily Telegraph».

Este jornalista julga saber que a delegação inglesa tem insistido para que se discuta a possibilidade da Alemanha

participar nas futuras discussões. O jornal acrescenta que é de esperar que Berlim seja consultada a esse respeito, e diz que se fala já de outra conferencia, mais vasta, a realizar na Italia, depois do Conselho da S. D. N. O «Daily Herald» escreve que o gabinete inglês julga que a Alemanha pode reconsiderar sobre a sua recusa de participar em pactos de assistencia mutua. Vão continuar os esforços, acrescenta, para descobrir as finalidades verdadeiras da politica da Alemanha. —(Havas).

Um acôrdo entre as três delegações

STRESA, 12.—O espirito de cooperação que parece ter reinado entre os delegados franceses, ingleses e italianos, nas primeiras conversações da Conferencia de Stresa, deixa antever que os resultados da referida Conferencia poderão vir a ter grande importancia na questão da manutenção da paz na Europa. De uma forma geral os pontos de vista da França e da Italia estão de perfeito acôrdo, o que possivelmente conduzirá os delegados britânicos a modificar a attitudé de incerteza que demonstram no respeitante ás medidas a adoptar.

Nos circulos franceses e italianos continua a dizer-se, com insistencia, que se MacDonald voltar a tratar do desarmamento, as delegações francesa e italiana se oporão terminantemente, por considerarem esse facto uma demonstração de receio. —(United Press).

A convenção franco-russa

MOSCOVO, 12.—A agencia Tass confirma que se realizou, em principio, o acôrdo entre Paris e Moscovo relativamente ao projecto para uma convenção de segurança, que deve ser brevemente assinada. —(Havas).

Um desmentido da Polonia

VARSOVIA, 12.—Tendo a Imprensa alemã publicado um telegrama, segundo o qual a Polonia teria feito constar á S. D. N. que não participaria numa reunião em que se condemnasse a attitudé da Alemanha, pelo seu restabelecimento do serviço militar obrigatorio, os meios autorizados declararam que a Polonia nenhuma diligencia fez em Genebra. —(Havas).

MacDonald vai a Genebra

LONDRES, 12.—O correspondente do «Daily Mail» em Stresa diz saber que MacDonald resolveu, definitivamente, ir a Genebra. —(Havas).

Espera-se que a Conferencia chegue a um acôrdo

ROMA, 12.—Tem-se a impressão de que a Conferencia de Stresa acabará por um acôrdo, que incluirá a Alemanha. Embora as três nações se declarem prontas a uma acção comum, para impôr ao Reich o respeito pelos tratados, crê-se, geralmente, que o principio de assistencia mutua será de tal modo atenuado que permitirá a adesão da Alemanha a um acôrdo geral. Ha boas razões para crer que Flandin e Laval, conquanto não abdicarem do principio de assistencia mutua, estão prontos a aceitar uma formula que não desagrade a Russia, nem afaste a Alemanha. O resultado deve ser um pacto europeu, pois parece que Hitler está pronto a aceitar um sistema de segurança baseado nos pactos de não agressão e em que a assistencia mutua não seja automatica, como está previsto, mas resolvida pela S. D. N.

A França e a Italia procurarão levar a Conferencia a uma attitudé decidida e forte, que tenha influencia nas resolu-

ções do Conselho da S. D. N. —(Americana).

A opinião dum jornal sueco

ESTOCOLMO, 12.—O «Aftenbladet» aprecia os possiveis resultados da proxima reunião extraordinaria do Conselho da S. D. N., que deve apreciar o «memorandum» francês relativo ao rearmamento do Reich. Aquele jornal diz que a Suecia e os outros Estados escandinavos não podem sancionar a reclamação apresentada em Genebra, por se tratar de uma injustiça com que se pretende alvejar uma grande nação.

Acrescenta: «Não corresponde á moral do povo sueco defender um artigo do tratado de Versailles que nasceu numa atmosfera de odio e que foi renegado, primeiramente, pelos que o impuzeram». —(Americana).

Hitler não formulou reivindicações coloniais

BERLIM, 12.—Os jornais apreciam a situação geral da Europa perante a Conferencia de Stresa. A «Deutsche Allgemeine Zeitung» diz que a Alemanha está pronta a aceitar um acôrdo colectivo de segurança, desde que não contenha a clausula de assistencia mutua. O mesmo jornal faz suas as palavras da «Libre Belgique», de Bruxelas, que disse ser absolutamente justificada a repugnancia polaca pelo pacto Oriental.

O «Tag» declara que Hitler não formulou quaisquer reivindicações coloniais, e que muito menos impôs a satisfação de qualquer desejo como condição para o regresso á S. D. N. —(Americana).

Um «dossier» preparado pelo Estado Maior francês

STRESA, 12.—Os delegados italianos, franceses e ingleses, á Conferencia de Stresa, recommçaram ás 9 e 30 horas as suas conversações.

Durante a reunião da manhã os delegados franceses expuseram detalhadamente as razões que levaram a França a apelar para a Sociedade das Nações contra o facto da Alemanha ter decretado o serviço militar obrigatorio. Os mesmos delegados informam ainda que o Governo francês vai apresentar ao Conselho da Sociedade das Nações um volumoso dossier preparado pelo Estado Maior, no qual permenorizadamente se indicam os preparativos belicos que a Alemanha vem fazendo desde ha muitos anos, e que demonstram claramente a má fé da Alemanha no que respeita aos rearmamentos.

De fonte autorizada sabe-se que os delegados franceses e italianos empregam todos os esforços no sentido de levar os seus colegas britânicos a apoiar os seus pontos de vista no tocante á condenação da Alemanha pela Sociedade das Nações, em virtude deste país ter desrespeitado as clausulas militares do Tratado de Versailles. —(United Press)

Reunião do governo inglês

LONDRES, 12.—Reuniu-se esta manhã, na Camara dos Comuns, o Conselho de ministros, que foi presidido por Stanley Baldwin, lord presidente do Conselho. O ministro das Finanças fez uma exposição acerca de varias propostas orçamentais anunciadas na Camara na ultima segunda-feira. —(Havas).

Lanches para casamentos

PATISSERIE VERSAILLES

Incendiou-se na rua do Mundo mais um carro electrico

Hoje, pelas 15 e 30, incendiou-se na rua do Mundo, em frente ao Tavares, quando subia aquela artéria, o carro electrico n.º 425—o terceiro a que, no curto espaço dum mês, tal acontece naquele local, pelo que se suspeita de que haja qualquer irregularidade na instalação.

O guarda-freio, logo que o motor começou a arder, depois da explosão, travou o carro e desligou o «trolley», evitando assim que o veiculo descesse a rua do Alecrim e provocasse qualquer desastre grave, num momento em que o transito era grande.

Os passageiros que seguiam no electrico abandonaram-no imediatamente, juntando-se no local muitas dezenas de pessoas que comentavam a estranha coincidência de três sinistros identicos se darem sucessivamente na mesma rua.

O monumento de Sagres

Amanhã, ás 16 horas, reunir-se-á no Palacio de Exposições do Parque Edaurdo VII, devendo ultimar os seus trabalhos, o juri do monumento ao Infante D. Henrique.

AS AUTORIDADES ALEMAS

confiscam os bens eclesiasticos

MUNSTER, (Alemanha), 12.—As autoridades começaram ontem a confiscar os bens eclesiasticos, procedendo em primeiro lugar á arrolação dos bens da Ordem Catolica do Sagrado Coração de Jesus.

Muitos populares tentaram ordeiramente evitar que as autoridades levassem por diante o seu intento, mas foram violentamente repellidos pela Policia. —(United Press).

SEGUIRAM MAIS TROPAS

para a fronteira franco-alemã

PARIS, 12.—O ministro da Guerra, general Maurin, anuncia que enviou novos destacamentos de tropas para a fronteira franco-alemã. —(U. P.).

O encalhe do «Letitia»

LONDRES, 12.—Os proprietarios do paquete «Letitia», que encalhou ontem no golfo de Patras (Grecia), com 350 passageiros a bordo, declararam que, segundo as ultimas informações, não havia motivo para alarme e que aquele navio deveria poder safar-se hoje. —(Havas).

Penas de morte em Espanha

LEON, 12.—O conselho de guerra condenou a duas penas de morte, e a vinte e cinco mil pesetas de multa, Ignacio Gonzalez, que capitaneou um grupo de rebeldes, assassinando um guarda civil e ferindo outro gravemente. —(United Press).

ARCADIA—Hoje e amanhã FESTAS VIENENSES

Com a celebre Orquestra
BOBBY SAX-FRED TRINSHER
LINDAS DECORAÇÕES

Grandioso successo do
«BALLET CONTINIS»
e de LOS CHAVALLILOS SEVILHANOS
ORQUESTRA LUSITANA

ENGENHEIRO INSPECTOR Manuel Roldan y Pego

O Engenheiro Director Geral de Minas e Serviços Geologicos, representando este Corpo de Engenharia bem como o seu pessoal auxiliar, administrativo e menor, cumpre o doloroso dever de participar que faleceu, em 12 do corrente, em Vila Real de Santo Antonio, o seu antigo director geral o engenheiro Inspector Manuel Roldan y Pego.

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

VELHOS PAPEIS

Garrett e Victor Hugo

os divinos românticos

Como o poeta critica o autor dos "Brugraves" — *Talento tam unico no grande e no vulgar*

Esteve na posse dos irmãos Bertrand, editores de Garrett, um precioso codice de letra do grande poeta, que tem por título *Poesias de J. B. S. L. A. Garrett, Coimbra Anno I. (1821.)*. Na *Imprensa da Universidade* e que passou depois, successivamente, ás mãos de José Bastos e notario Tavares de Carvalho, que, por ultimo, o ofereceu ao falecido escritor Delfim Guimarães.

Deve, actualmente, pertencer á Biblioteca Municipal do Porto pois o seu ultimo possuidor sempre declarou que, como portuense, deixaria, por sua morte, aquele estabelecimento, esse tão valioso manus-

crito dum dos filhos mais illustres da Cidade Invicta.

E' tirado desse volume o primeiro inedito de Garrett, aqui reproduzido e que constitui a dedicatoria desta compilação poetica toda no genero arcádico.

Daquelle codice já foram reproduzidas algumas composições por Teofilo Braga no *Garrett e os dramas românticos*, por Delfim Guimarães no seu *Arquivo literario* e ainda por nós num folheto *Annalia*, distribuido, em 1932, pela Livraria Moraes, como brinde, por ocasião da Feira do Livro.

Já anteriormente, em 1931, na revista

Biblos, havíamos dado noticia duma composição erotica do autor do *Retrato de Venus* contida no referido codice, num artigo *Notas a proposito de uma poesia de Garrett*.

Os proverbios tão graciosamente exemplificados constam dum pequeno papel, que nos veio da familia de Gomes de Amorim, biografo de Garrett, no qual o poeta os escreveu.

A carta de Garrett, talvez dirigida ao diplomata João Antonio Lobo de Moura, então secretario da legação de Portugal em Londres, deve ser do ano de 1843. Adquirimo-la num leilão de autografos realizado na Suíça em 1934.



GARRETT

Lx.ª 2 de Outubro

Meu Am.ª

Desde a sua ida a Paris que me rendeu ver tam depressa as *Burgraves* — composição verd.te typo d'aquelle talento tam unico no grande e no vulgar — não lhe escrevi nem siquer agradeci.

Mas sabe o q. eu sou sempre occupado: agora mais q. nunca o estou. Portanto desculpe-me.

Quero-lhe pedir um favor. O *Foreign Quarterly* publicou em 1828 ou fins de 1827 um artigo sobre Portugal e sobre o Portuguez aquele jornal q. talvez se recorde eu dirigi no tempo da reg.ª da S.ª Inf.ª Isabel: tambem publicou em 1832 um outro artigo sobre publicações minhas litterarias e de Luiz Mousinho. Peço-lhe encarecidam.te que me mande estes 2 numeros. Ser-lhe ha facil achar os n.ºs onde quer q. haja a collecção visto q. os annos são infallivelm.te estes q. lhe digo.

Se comprar não for ja possivel p.r.q. os não haja á venda (o q. me custa a suppor) ainda q. sejam emprestados p.r. qguem pode-mos mandar sem receio p.r.q. os restituo pela volta do paquete.

O nosso Min.º dos NN. EE. é assez debonnaire p.a me poder mandá-los com sobrescripto a mim apezar. de deput.º da opposição.

Se porém tiver qlqr escrupulo, pode sôbre o meu sobrescripto pôr outro dirigido ao Ill.º Ex.º Sr. Joaquim Larcher, do C. de S. M. e Vice-preside do Conservatorio Real de Lx.ª — o q. é o m.mo q. vir-me directam.te a mim.

Aqui não ha nada de novo por ora. Estamos todos doentes de mau humor e receiosos uns dos outros: é da quadra.

Sabe, mas não se esqueça, de q. sou deveras

De V. Ex.ª

Am. V.ºr Obrig.º

J. B. de Almeida Garrett

P. S. — Peço o favor de mandar entregar a inclusa, proposta.

À Amor, e á Amisade, a Annalia, e aos meus amigos

Não a filhos de reis, não a Mecenas,
Mas a vós, que a amizade, e amor fagueiro

Fez em meu coração, não rei, mas nunes
A vós dedico só meus rudes versos.

Se os fracos, deveis sons acharem graça
Em vossos olhos, nada mais desejo;
E se a Annalia um sorriso, um ai piedoso
Merecerem sequer, nada mais quero.

Dôce amor, amizade sacrosanta,
Ei-la no vosso altar deponho a lyra.
Quando glorias cantar, carpir saudades,
Suspirar de prazer, e de ventura;
O meu canto, os meus ais, e os meus suspiros,
Inspirados por vós, serão divinos.

Ah! se o meu estro, de affrouxado, e pobre,
Não sabe desparsir do Pindo incantos,
Nem tocar-se das flores do Permesse;
Só no meu coração lede os meus versos;
São minhas musas só razão, verdade;
O vate não fallou, foi voz do amigo,
Nem o amfgo fallou, se o homem cumprio.
São primicias do canto a humilde offerta:
Nas deveis azas mal despontão plumas,
E acobardado teme o ingenho infante.
Em vossos corações encontre abrigo,
Ache descanso na amizade vossa.
Vinga dum vôo o Pindo a ave de Jove;
Mas do monte nas quebras repousando,
Tambem lá chegará rasteira pomba.

Coimbra, 1 de Março anno I (1821).

Proverbios exemplificados

Ralham as comadres descobrem-se as verdades, explicado no juizo de Páris.

Dá Deus nozes a quem não tem dentes—Heloisa e Abeillard.

Depois do asno morto cevada ao rabo—Ignez de Castro.
Se queres vêr o villão mete-lhe a vara na mão—Sancho na ilha.

Mais sabe o tolo no seu que o avisado no alheio.—Disputa de D. Quixote e Sancho sobre os açoites.

Quem mal não crê mal não cuida.—Instituição da Jarreira.

E muito curiosa, pois, traz uma extensa referencia a Victor Hugo, o notavel romantico francês, a quem Garrett, nas suas obras, apenas alude duas vezes: no *Arco de Sant'Ana* e nas *Viagens na minha terra*.

O celebre drama em verso *Brugraves* havia sido levado á cena, no Teatro Francês, pela primeira vez, na noite de 7 de março de 1834, suscitando ruidosos e hostis manifestações.

Ha uma tradução portugueza desta peça teatral publicada em Aveiro no ano de 1853 por José Maria de Sousa Loba, com o titulo *Os Burgraves tryologia por Mr. Victor Hugo traduzido livremente do francês*.

O *Português* foi um jornal politico, muito atacado pelo celebre padre José Agostinho de Macedo, que se publicou em Lisboa nos anos de 1826 e 1827.

The Foreign Quarterly Review, London 1832, contém um extenso artigo sobre a literatura portugueza, attribuido a Southey, em que vem uma lisongeira apreciação sobre o *Parnaso Lusitano*, em que Garrett colaborou com a *Historia abreviada da lingua e poesia portugueza* e sobre a *Adozinda*.

O ministro dos Negocios Estrangeiros a quem a carta se refere deve ser José Joaquim Gomes de Castro, depois conde de Castro; Joaquim Larcher era um amigo de Garrett desde os tempos de Coimbra e foi, depois, um dos seus testamentarios.

Aqui ficam reunidos mais uns elementos desconhecidos para o conhecimento da alta personalidade literaria de Garrett.

Henrique de Campos Ferreira Lima

NOTAS PARA UM GUIA

na Terra de Ninguém

II por **JOAQUIM MANO**

O homem é por sua natureza um animal desconfiado: vai andando e interrogando as esfinges que muitas vezes são invenções dos seus vãos receios.

Para se tranquilizar, oferece sacrificios aos deuses.

O seu corpo que aspira a criar atitudes pomposas e a traçar gestos de orgulho vive num desassossego permanente: nas suas fibras nervosas e nos seus músculos passa o universo em pavoros subitos, irreprimíveis.

O importante é vencer o medo. Desde os tempos prehistoricos, a luta contra o invisível e as suas mil garras que se agitam na sombra ainda não conheceu tregua. A morte revela-se duma fecundidade inesgotável na produção de espectros e duendes que espalham pelo mundo estranhas alucinações arrepiantes. A prova suprema da coragem dão-na os que ousam encarar-la sem temor dizendo-lhe:

—Aproxima-te e toma-me nos teus braços.

Se, acaso, fosse possível despojar-lhe do misterio que a envolve, dando-lhe um lugar nos nossos pensamentos e nos nossos cuidados, ela entrava na serie já longa dos bichos domesticados. Que bucolismo, se a vissemos a nosso lado familiar e serena, sorrindo-nos e inclinando-se para nos segredar:

—Aqui estou á tua espera, mas faze de conta que, como as Sinfonias de Beethoven, sou uma voz que adormece, no silencio mais profundo.

Seria isto, um bem ou um mal? A inquietação assepra a faulha que estremece debaixo das cinzas, gerando as fogueiras que nos abraçam e purificam. A historia, bem vista e bem estudada mostra-nos como os enigmas que nos perturbam e os obstaculos que topamos no nosso caminho nos incitam a longas caminhadas na noite, a fim de roubarmos ás estrelas o seu segredo.

A dor empurra-nos para a frente, impedindo que nós nos contentemos com o machado de sillex ou a ciencia dos feiticeiros. Desde o momento que a morte surge fatalmente com a sua lei inexorável, não poupando nem a obra nem o operario, o desanimo total devia paralisar os nossos movimentos.

Trabalhar, para quê? Pensar, imaginar, interrogar, criar e inventar, que significado humano ou divino encerram?

No entanto, apesar da terrível duvida que se vela nestas perguntas, o homem não se petrifica, mas redobra de curiosidade sondando o desconhecido, mesmo quando, após esgotantes labores, o desespero o leva para as negações terminantes.

Pascal compreendeu que a contradição é um principio de vida, na sua forma agressiva e turbulenta: na nossa consciencia debatem-se temas inconciliáveis e travam-se batalhas que nunca acabam.

A logica de Hegel ousou, num golpe genial, numa arremetida heroica contra os bandos de morcegos que rodeiam as auroras e meios-dias do saber, escamotear a imagem demoníaca que o autor de *Pensées* avultava e esculpira, com prazer sarcástico. No seu entender, no universo reina uma ordem, uma idea, uma norma de que o entendimento extrai uma harmonia.

Kirkegaard, pelo seu lado, emendou:

—Não uma harmonia, mas uma angustia.

Eis a expressão exacta: uma angustia—a tortura de nos sen-

tirmos ousados nos desejos e miserios nas realizações.

Kirkegaard experimentou, num largo alvor romantico, seguir a bela rota metafisica traçada por Hegel. Prestes se fatigou, brandando:

—O viadante, volta para trás se não queres cair no precipicio! Não ha perspectiva para os nossos olhos espirituais nem planuras para os nossos passos. Por toda a parte, a verdade conduz á não-verdade, á ilusão á desilusão a crença ingenua á decepção amarga. Fora do homem não existe o homem. Aceita o teu destino como ele é e não busques horizontes largos nem esperanças ilimitadas. Vive na angustia e arranca dela quanto necessitas para não ficares cativo no mundo em que nasceste. Para conquistares a liberdade, escuta-te a ti proprio!

Sempre a barragem da Terra de Ninguém. O nosso Antero na sua feição de peregrino visionario, de romantico contra o romantismo, foi uma das mais perfectas encarnações da angustia Kirkegaardiana: com que mortal turvação ele não pretende desvassar o pais desconhecido para onde o impele a sua desventura! Pergunta insaciadamente:

—Quem sou eu? Que visão transparece, sob o veu das aparências?

O poeta nunca chegou a sair desta fase ansiosa, rompendo a falsa couraça de cavaleiro, de encontro ao muro que a sua musa levantara, na persuasão de que estava nas terrenas possibilidades construir um lar nirvanico sem barro nem pedras. Findou no suicidio, atormentado como o martir que fere o seu coração com as setas que disparava para o Infinito:

—Porque só a dor é verdadeira? Como passar de Aquem para Alem? Que principia depois da morte? Como ligar o homem a Deus? Que valor tem o sacrificio na cadeia das fatalidades? Podem os cativos aspirar á liberdade ou a liberdade é o grilhão ironico dos cativos?

Antero, como tantos outros, esbarrou nos limites da Terra de Ninguém, recusando-se a pôr as mãos no rosto para não manter a cega admiração da sua infancia. O seu exemplo—no extremo oposto do de Frei Agostinho da Cruz—mesmo descontentando tudo que a doença insinuou entre os seus gemidos, queda como a demonstração eloquente e dolorida de que os caminhos se confundem, quando nós mudamos os pontos cardiais, avançando para o poente crendo que demandamos oriente.

A juventude moderna deixou de ler os Sonetos, porque não lhe

sorri a idea de trocar o heroismo das aventuras pela poeira gelada dos cemiterios.

Pascal colocou o *esprit de finesse* acima da geometria. Quem quiser transitar geometricamente do Finito para o Infinito tal qualmente as locomotivas cortam as fronteiras embarçar-se-á na Terra de Ninguém. O silencio torna-se tamanho que nenhum clamor o molesta.

Nem Byron nem Keats nem Antero lhe ofuscarão a majestade. Valery, com a sua maneira subtil de debruçar-se sobre os abismos recua perante a tentação de transpor a insondável cassure que se rasga na imensidade, ao sairmos pela morte do espaço e do tempo.

Que é a eternidade? Evita a resposta, por não possuir a coragem de Pascal que resolutamente declarou:

—A ciencia que não se limita resulta inutil e perigosa. A geometria não mede Deus que não tem medida. Fazamos uma foguetra do nosso orgulho e á luz dela vejamos a nossa miseria. Não ha passagem deste mundo para o outro que não fosse estabelecida pelo Criador. Não é pela ciencia, mas sim pelo amor que se juntam os contrarios e se soldam os inconciliáveis. Que louca pretensão querermos arquear uma ponte sobre a vastidão que os nossos erros aumentam, fingindo encurtá-la!

A flecha e a tartaruga de Zenão jamais sairiam das fracções que haviam de percorrer e andar, se a vida se guiasse por calculos e operações matematicas. A melhor traça para obscurecer Deus consiste em formular as nossas razões, obliterando as suas. A Terra de Ninguém alarga-se com a duvida e aperta-se com a fé. O medo estende sobre ela espessa neblina.

A sensação, que Proust demoradamente analisou, elevando-a á categoria das ideas platonicas entremostra-a na derradeira fimbria da mais remota distancia, sem nos dar o seu contacto.

A proposito da filosofia de Jaspers escreve Louis Lavelle:

—Jaspers sentiu admiravelmente que o eu não pode bastar-se a si proprio, que o que ele é excede de a seu respeito—motivo por que o que sabe a seu respeito—motivo por que ele se encontra em estado de surpresa constante. O eu não pode existir, a não ser em condição unica e privilegiada; é nela que exerce a sua liberdade; pode-se dizer com razão que ela o constrange, mas sem ela nada seria. Reconhece-se assim que toda a vida é uma encarnação, isto é um misterioso laço entre o infinito de que procede e o finito onde se encerra. E a idea da nossa vocação é a unica que nos pa-

rece capaz de reconciliar em cada ser o seu voto mais intimo com a rigorosa necessidade do seu destino.

A Terra de Ninguém não está fora, mas dentro de nós: todas as vezes que abandonando a fecunda vida interior, entregando a nossa alma ás paixões e ás sensações como o cordeiro aos lobos, logo ela desenha, em face das nossas interrogações, a sua enigmatica extensão. Valery detem-se e inclina para si o murmuro tenue da inspiração que, guiada pelo ritmo, pensaria aventurar-se mais longe.

—Que miragem me persegue?

Valery, logico com a geometria, admite a Terra de Ninguém, embora a porção de poesia que o obriga a auscultar o «eu», instante por instante, lhe recorde que essa tremenda «aparição» desaparece, desde que a fria analise ceda o lugar á elevação religiosa. Fazer da alma um deserto, na quimera de a resgatar das seculares superstições, devorou Lucrecio na sua solidão povoada por uma chapeirada de átomos.

Deus palpita em nós, porque nos criou, mora em nós, porque nos ama.

Havemos nós de corresponder á sua bondade, cavando para nos afastarmos dela profundidades insondáveis?

Segundo a indicação de Jaspers, o «eu», que não é o absoluto, orienta-se com tal decisão e energia que, no momento em que se encontra mais proximo dele, liberando-se e conquistando-se, é também quando está em vias de aniquilar-se.

Concordamos com o illustre mestre, menos com a aniquilação. Deus não se entretém a criar para exterminar: o seu gesto multiplica, não extingue as formas e as essencias. A lei do amor que implantou, nos orbes e no firmamento, não se conforma com o gesto do sibarita que goza, demolindo as maravilhas que o deliciavam.

Reputamos inegavel que a alma humana não se consome na contemplação dos seus dons, por trazer na intuição e revelação do seu destino promessas que transcendem as amarras do nosso corpo. Se mentisse á sua vocação, cometeria o pecado do prisioneiro que corta as grades do presidio para se suicidar depois livremente.

A lição de Pascal continua em plena actualidade: ou Deus, ou nada. Urge mover-se sem hesitação, agora que tanto se fala na liberdade de escolha. O homem que se resigna a meditações longas, pensando o pró e o contra, por meses e anos, sem resolver-se a quebrar a teia de Maya, cada vez se insensivelmente.

Para que a Terra de Ninguém perca o seu caracter de irremovível pesadelo, requere-se simplesmente que nós não procedamos como o despota que se considera perseguido, precisamente quando promove as suas mais violentas perseguições.

Gritar contra o misterio, de que vale?

O misterio não é contrario á nossa vocação, pois a acorda do seu torpor.

Que sugestão nos comunicaria o mar, se as suas ondas e vagas não contivessem a atracção do risco? O misterio não oprime nem atropela a nossa razão, visto constituir a balisa inalteravel das suas disciplinas. A orgulhosa preocupação de o desvendarmos sustenta as muralhas da Terra de Ninguém—o que enclosura a nossa alma nos ferros da sua suposta independencia. A materia conclui realmente no cabo das suas limitações, mas, antes dela, por cima dela e além dela, Deus fixou o seu imperio.

10-IV-1935.

JOAQUIM MANO

CONTROLAR OS VOSSOS SERVIÇOS DE TRANSPORTES

Quereis saber o tempo exacto que as vossas camionetes levam a carregar, descarregar, e a transportar qualquer material?

Quereis tambem saber quanto tempo perdem os vossos chauffeurs com paragens inúteis, com panes, com descansos, etc.

Aplicai um relógio de contróle

“ZENITH-Recorder,”

que vos ajudará a emendar os erros ou faltas de organização e que será o fiscal mais barato, mais rigoroso e eficaz que podereis arranjar.

Olveira & Corte Real, Lda.

R. dos Fanqueiros, 62, 2.º, Dt.—Lisboa

Comboio de excursão a Braga, no domingo, 14, organizado pela C. P.

A C. P. efectua no proximo domingo 14 um comboio de excursão a Braga, que partirá da estação de Lisboa R. ás 7 e 11 chegando a Lisboa no regresso ás 2 e 05. (Ver horario no cartaz).

Este comboio levará carruagens especiais para o Porto.

Preço—para Braga, 55\$00. Marcação 2\$50. Preço—Para o Porto, 50\$00. Marcação, 2\$50.

Os bilhetes são validos tambem para G.ia, Campanhã, Ermesinde, Famalicão e Nine.

Ocasão verdadeiramente excepcional para visitar num dia Braga e linda capital do Minho, os seus magnificos monumentos, o Sameiro, e essa estância privilegiada, maravilhosa da natureza, que é o Bom Jesus do Monte.

Notas em circulação



Um novo magazine literario «Espelho», appareceu no Rio de Janeiro, colaborado por alguns dos melhores nomes da literatura, do jornalismo e da arte do Brasil.

—Azevedo Amaral, Tristão de Ataide, Gastão Penhalva, Buarque de Holanda, A. A. de Melo Franco, etc. Candido Campos, tão conhecido e estimado em Portugal, publica ali uma carta de Dario Nicodemi, acompanhando-a de lucidos e agudos comentarios, que, de facto, ella merece. Nicodemi escreveu essa carta em 1922, na—data do centenario da independencia brasileira—vespera duma conferencia que ia realizar no Teatro Municipal do Rio, em plena hora de trabalho, pois, e talvez de inquietação pelo exito que desejava.

Mas não traía então nenhuma attitudede de receio ou de cansaço. A carta é sómente um hino de louvôr á metropole encantadora, que Dario soube olhar e observar com precuciente verdade. Cite-se este pequeno trecho, destacado por Candido de Campos, e realmente revelador de visão justa e profunda:—«Do genio da vossa estirpe» saiu uma cidade maravilhosa... A «transformação é total». Nem por isso me sinto novo na cidade nova—porque «o espirito de bondade patriarcal e a cordialidade aggressiva que vos distingue entre os povos do mundo não mudaram». Dario Nicodemi voltara ao Rio de Janeiro depois de longos anos de ausencia. E tudo achava transformado, menos o espirito de «cordialidade aggressiva». Quem nas sucs condições não terá a mesma impressão deliciosamente perturbadora?

Basta ler a poesia brasileira, com seu lirismo amplo e abrigante, basta conhecer a intelligencia brasileira, com seu largo vôo que abraça e atinge horizontes vastos e alturas vertiginosas, para saber, afinal, que tudo mudará no Brasil, excepto a capacidade hospitaleira de acolher e acarinhar homens e idéas, sonhos grandes e iniciativas generosas—o impeto, a complexidade, as palpações e o ritmo da vida e do universo inteiros. Nobreza e magnanimidade de ingenitas, em que reside a explicação do seu extraordinario progresso e do seu construtivo amor do futuro.



A mumia de Cleopatra estará em Paris, pergunta em «Le Journal» a escritora Myriam Harry, respondendo logo quasi afirmativamente.

Importará muito saber esse pormenor da vida «post-mortem» da rainha sedutora? Não o cremos. Diz Myriam Harry que a preciosa reliquia a trouxe a Bonaparte no regresso do Egipto, e que o futuro imperador teria mesmo passado «a sua noite mais olorosa» com ella, debaixo da tenda guerreira, perto das Pirâmides. Tudo isso é curioso, sem duvida, mas não pode fazer-nos esquecer que só na lenda e na literatura existem hoje as imagens e lembranças que tornam sempre ardente e moça a recordação de Cleopatra. Talvez os embalsamadores egipcios preparassem e embalsamassem tão bem o seu corpo gracil que ele chegasse até hoje com a apparencia e a beleza da vida. Talvez... Onde, porém, a ultima dos Faraós vive immortalmente é, por exemplo, na peça de Shakespeare, e em outras obras que a ressurtem na elegancia das attitudes, na perversidade ingenua do olhar, na ternura dos abraços, na volupia das palavras de amor, criadas através da boca ansiosa de beijos. Não duvidamos de que seja um optimo «numero» de propaganda turistica para Paris—como quere Myriam Harry—a existencia dos ossos de Cleopatra em qualquer canto da terra da capital francesa. Perder tempo a vêr o sitio onde repouzam—para quê? Antes ler as paginas eternas do «Antonio e Cleopatra» do que meditar sobre a hipotetica sepultura da hipotetica mumia, da «Circe do Nilo».

A OUTRA "VERDADE"

A GRANDE DECADENCIA do livro em Portugal

Enquanto o «Bandarra» vai ouvindo os editores sobre a crise do livro português o «Diário de Lisboa» entende ser conveniente colher do sector dos autores, não menos autorizados a emitir opinião sobre o caso, nem tam-pouco menos interessados em ver debelada essa crise, a qual, e mais do que a ninguém, profundamente os afecta, um parecer, um comentario, um depoimento.

Quiz o acaso que, levados por tal proposito, encontrassemos no nosso caminho o escritor Cesar de Frias, pessoa que, independentemente da sua obra literaria, possui especiais attributos para versar o momentoso assunto, em vista de, quasi ininterruptamente, ha bem mais de uma dezena de anos subscrever na Imprensa cronicas relativas ao movimento intelectual português, sem exclusão mesmo dos seus aspectos economicos e dos problemas tecnicos do livro. Isto a acrescentar que foi de sua iniciativa e por ele proprio editada, com evidentes sacrificios pecuniarios e de energia, a prestante «Revista Literaria», cujo programma tinha como fulcro o aperfeiçoamento das nossas edições, a expansão do seu mercado e o incentivo á cultura intelectual, tendo sido, deste modo, como que a precursora dos nossos modernos semanarios literarios.

—Que julga do inquerito aberto pelo «Bandarra»?

—Considero-o de grande oportunidade, como aliás tudo quanto contribua para activar a nossa vida literaria, mais propensa ao marasmo que á agitação. Contudo, alguns dos livreiros que já foram ouvidos, sobretudo os primeiros, a par de considerações sensatas exteriorizaram conceitos absolutamente desastrosos...

—?

—É verdade. Refiro-me ao ataque, de todo o ponto injusto, que nas referidas respostas se incluí, aos autores, velhos ou novos, mas principalmente a estes ultimos. Para esses livreiros, uma das causas da verificada crise do livro consiste na falta de originaes capazes, de originaes que interessem o publico. E é por isso, dizem, que recorrem ás traduções.

—E não é bem assim, em seu entender...

—Pois não. O que elles, editores, deveriam confessar, é que se descuidaram, de ha anos a esta parte e quasi por completo, de formar novas gerações literarias, de dar estímulo a nomes recém-nascidos, de recrutar o elenco dos consagrados de amanhã,—função que, inegavelmente, lhes incumbia e lhes incumbia, quer para assegurar o futuro do seu negocio, quer para garantir a continuidade da litteratura pátria. Quanto a autores nossos, limitaram-se a explorar os nomes feitos, por daí lhes advir lucro certo, e como que convictos de que a esses escritores está reservada uma existencia ainda mais longa que a de Matusalém e sempre com o talento fecundo e viçoso... Quanto a traduções, só, em geral, lhes sorriram obras de escandalo, politicas ou licenciosas. Os livros essenciaes ao progresso da nossa Instrução os que viriam revelar-nos as modernas correntes do pensamento e da estética, os que nos poriam em contacto com as mais altas intelligencias estrangeiras, esses livros não ompareceram aqui, por intermedio dos nossos editores. Se gente nossa os quis ler, fê-lo apenas através das edições francesas, das espanholas e, por ultimo tambem, das brasileiras.

—Acha, por conseguinte, que tem havido desorientação nesse campo?

—E grande, manifesta. Devido mesmo, em parte, a essa desorientação, é que se perdeu o mercado do Brasil, e que não só se perdeu esse, como se assiste hoje á invasão do nosso pelos livros editados lá. A meu ver, a perda do brasileiro era fatal mais tarde ou mais cedo. Tratava-se de uma nação jovem, estuante de forças, em fase de crescimento. Emancipada politicamente, tem vindo a emancipar-se, uma após outra, noutras esferas da sua actividade. Chegou á vez da litteratura. Criou-a, sua, á imagem da terra e como ella exuberante. Mal a conhecemos nós ainda, mas ella existe e com gradas valores. Logicamente, criou tambem a industria editorial correspondente, com arrojo, com fortes capitais, não só brasileiros como italianos e alemães, e com maquinismos e processos up to date. E foi então o diluvio de originaes e de traduções, desde o livro popular até o de alta envergadura scientifica, em todos os ramos e com uma apresentação sedutora, moderna. Podemos nós levar isso a mal? Havia o publico brasileiro de resignar-se eternamente a que os nossos livreiros lhe levassem apenas carregamentos dos sedicões romancellos de Ohnet e de dessirosos calhamações de divulgação scientifica elaborados ha vinte e trinta anos atrás? O produto desse estonteador affã, aí o temos nós á vista, em largas tiragens que permitem tornar seu preço acessivel.

—E assim o livro brasileiro ameaça levar o nosso de vencida.

—Leva-o está claro, por ser barato e bem apresentado e por trazer novidades. E se não inutiliza o nosso, é porque a sua linguagem, com particularidades que repugnam á nossa gente culta, o prejudica um tanto.

—Não ha formosa sem senão...

—Porém essa linguagem, duma sintaxe peculiar aos brasileiros, pode adulterar a lingua portuguesa que nós falamos, e tanto mais que esses volumes andam, em grande numero, nas mãos do publico menos instruido. Este aspecto do caso é de molde a preocupar quem tenha responsabilidades intellectuais.

—E tudo isso, afinal, por descurio dos nossos livreiros.

—Em parte, repito. Que o mercado brasileiro se lhes havia

de escapar das mãos, que o nosso livro perderia ali a hegemonia gozada outrora, já eu disse que tinha de ser. O que seria de de-sejar é que não fosse tão precipitadamente nem com efeitos tão ruinosos. E o pior é que, como coisa de mágica, se inverteram os papéis, passando nós a seus tributarios, o que nos dá a nada orgulhosa impressão de que a metropole do patrio idioma se transferiu para a outra banda do Atlantico.

—Soou, então, a hora da falencia para a nossa industria litteraria?

—Não. Afortunadamente, outro grande mercado se lhe oferece: o das nossas possessões ultramarinas, onde a civilização se intensifica dia a dia, fixando enormes nucleos de população capaz e necessitada de ler. Acordem elles, os livreiros, descrezendo os braços e encaminhem para lá os esforços. Patrocinados, evidentemente, pelos poderes publicos. Ha a requerer destes medidas indispensaveis e até urgentes. Por exemplo, o beneficio dos portes do correio, a facilidade das transferencias, a isenção, como antigamente, do selo nos cartazes de propaganda, etc... Estas regalias juntas ao barateamento do papel, ao bom-gosto no arranjo grafico, a uma intelligente escolha nas traduções, ao carinho pelos originaes portugueses e á intensificação da propaganda, feita esta inclusivamente pela edição de um boletim bibliografico mensal, cuja falta tanto se faz sentir,—há-de, pela certa, contribuir para atenuar a crise que os flagela. Crise que, aliás, não é privativa. É mundial. Até na culta e ledora Inglaterra houve necessidade de fundar agora uma liga para a propaganda da leitura, á qual preside o proprio monarca. O cinema e o desporto têm, como toda a gente sabe, desviado consideravelmente do livro as atenções. Mas nunca ele poderá ser banido, quer como agente de cultura, quer como meio de distracção. Quanto ao caso português, temos a explorar um mercado ainda virgem. Rumo á Africa!—é o que os industriais livreiros devem clamar, do alto das suas pontes de comando. Mas, depressa. Porque, de contrario... os brasileiros, ou outros ainda, chegam lá primeiro!

—A lição deve ter-lhes aproveitado...

—Oxalá! Tanto mais que a pagaram cara. E o que é essencial é que se deixam de hostilizar e malsinar os nossos escritores, avigorando uma incompatibilidade que não ha razão nenhuma para existir. Reparem até nesta verdade coezinha: é da seara dos autores que os editores vêm a colher, e exclusivamente, o trigo dos seus celeiros... Consagrados ou novatos, vivos ou mortos, nacionais ou estrangeiros, já caídas as suas obras no dominio publico ou ainda sujeitos a pagamento de direitos,—sem o trabalho dos que escreveram ou escrevem, não ha possibilidade de viverem editores... Isto até poderia ser dito por Monsieur de la Palisse. E elevem o nivel mental da profissão, porque a triste verdade é esta: com rarissimas excepções, o livreiro portuguez está mal preparado para a sua função, que difere bastante da de todo e qualquer outro genero de negocio.

—Não têm pois, os dittores, razão para se queixar dos autores.

—Nenhuma. Que eles hesitem em editar os ainda desconhecidos, embora tambem isso lhes competisse, compreende-se até certo ponto, sobretudo nos dias de hoje, em que não ha uma produção intensa a contrabalançar essas tentativas. Mas, seria então mais digno declarar isto mesmo: «no estado actual do mercado, cujo acoanhamento é notorio, e dada a preferencia do publico pelos nomes feitos, não nos é possivel lancar estreantes, porque seria jogar capitais á aventura; temos pena de que assim seja, mas as circumstancias tohem, se não impedem, todas as tentativas nesse sentido...». Isto, sim, que os editores poderiam dizer, sem molestar ninguém. E nunca tomarem, como fizeram no inquerito do «Bandarra», ares de supremos criticos, para lançarem a sentença de mediocres sobre escritores cujos manuscritos não leram ou leram mal.

Sorrimos da malicia do comentario. E o nosso entrevistado prossegue:

—Lêem pouco, quasi nada mesmo, os nossos livreiros. E nem sequer têm, como succede lá fora, ainda nas mais modestas editoriais, junto deles directores literarios ou uns conselhos de leitura, para a competente escolha das obras. E dessa precaria leitura, dessa sua desatenção pelo movimento das letras nacionais, resulta que ignoram os novos valores que, á sua propria custa (repare-se nas quantidades de cooperativas de escritores que se têm formado nos tempos ultimos—(Sociedade dos Autores Contemporaneos, Presença, Momento, Gleba, etc.) vão surgindo e, obra a obra, se vão avigorando e impondo ao publico. Daí, por vezes, cometerem tremendas, inacreditaveis gaffes...

—Uma, cite-me uma só...

—Olhe, aquella que o proprio inquerito do «Bandarra», a que tenho alludido, nos oferece. Um dos livreiros entrevistados, ao perguntar-lhe o jornalista se não lançava autores desconhecidos, tomou magnanimas attitudes de Mecenas e respondeu: «...Ainda ultimamente editei um livro de Rocha Junior». Esta de apresentar como estreante, como escritor ignorado, um autor que ha muitos anos já é figura de relevo no jornalismo e tambem na litteratura, pois, antes desse livro recente, publicara já, que nos lembre, uns cinco ou seis entre os quais Veneno, Terras Mouras, Desenhos animados e Rouxinol cativo, livros excelentemente recebidos pela critica e pelo publico,—esta, francamente, não lembraria.

—Não lembraria ao diabo!—interrompemos.

—Mas, como vê, lembrou a um livreiro português!—concluiu Cesar de Frias, enquanto, pondo termo á entrevista, se despedia de nós.

UM CONTO POR SEMANA

Uma crioula da Brava no Ceu

por AUGUSTO CASIMIRO

Morrera em certo dia magoado, de Sol entre névoas, com qualquer doença do coração. O medico chamado á ultima hora falára de insuficiencia mitral e fizera considerações várias sobre o mau costume, na ilha, das mulheres subirem encostas precipites, caminhos aspérrimos, carregando, e do abuso guloso, excessivo do café. Pois do coração morrera a creoulinha, mas não apenas das subidas *ingres* que vencera cansada, caminhando humilde, a pé e detrás da mulinha do seu senhor, marido, irmão ou pai. Vivera morrendo, ansiosa das ladeiras que não subira nunca seu coração feito para a ternura, sempre inquieto de amor. Cansara-o o longo sonho nunca realizado, queimara-o, com a sua vida, a chama doce e ardente dos seus desejos nunca satisfeitos, a magoa da sua alma desconhecida ou descuidada pelos homens, o silencio em que vivera, as saudades do beijo que não achara nunca e até a sua propria resignação.

Na hora da sua largada houve *guisa* de choro, um alvoroço de gritos que durou longamente, fez-se mais noite na sua alcova mortuaria. Ela, pela primeira vez, sentiu a alegria que se não diz em palavras, dum infinito alívio. Viu-se mais ligeira que as névoas de junho sob o céu azul. Cresceu-lhe no peito, com a luz nas manhãs depois da chuva, uma claridade de luar e brandura. Todo o seu corpo lhe foi, na ilusão de guardá-lo, como na vida fora a doçura triste dos seus olhos magoados. A alma desprendêr-se do seu corpinho moreno com pomba que se vai do ninho ou aroma que abandona a flor.

Foi então feliz como nunca fora, nem em sonhos; levava as mãos postas e um sorriso de luar nos olhos como certa imagem de Nossa Senhora, na Ascensão.

Por brandíssimas encostas, caminhos de azul e névoa, espiando cada vez mais largos horizontes, subiu a sua alma. A seus pés, o mundo parecia mais pequenino e longe do que a Fajã-d'Agua em manhãs de azul e verdes quando ela vencia, a arquejar de fadiga, na terra, aquela *ingre* ladeira de *Subi-ceu*.

Como voltasse á propria terra donde saíra pequenina, ia reconhecendo agora, na maravilhosa viagem da sua alma, cores, coisas, alegrias que só vira, na vida, em sonhos nunca realizados. Como em certos sonhos que tivera em vida, ia leve como *banato* aos beijos do vento brando — só asas. Mas nem pesadelo nem queda su — como nos sonhos de outrora, agora lhe int — pia o encanto.

— *Avava*, é certo, apertadinho no peito, um grande receio, a par dum consolado espanto. Eram já belos de mais, para os seus méritos como para os seus pecados, os momentos eternos que estava vivendo! Não se julgava digna do céu! Mal acreditava no que via, inquieta no receio de ir por caminho errado. Para o purgatório, sim, era direito a levasses. Mas para o céu!... e toda se humilhava numa vergonha, num melindre que lhe tornava mais ligeiro o vôo de pomba mansa.

De repente sentiu que a luz crescia á roda... Se era luz o que ali enchia o mundo e tinha a harmonia da musica mais *sabi*, a frescura das manhãs de maio, a alegria azul lilás das mais consoladoras tardes no Campo ou no Canal. Musica, perfumada, alegria, como apenas sonhara dormindo, quando viva, e, ao acordar, saudosa, nunca soubera dizer. Lembrava o murmúrio mansíssimo dum mar que arrolasse névoas, embalando uma ilha erguida sobre rochas doces de luar dormido... Era o consolo de sentir florescer no seu peito uma rosa imensa capaz de animar de cor e perfume toda a vida, *s'dobrada*, esplendente, a deslumbrar, como depois do *terral*, no céu *can*, sobre as alturas acasteladas do Fogo, em agosto, o romper do sol.

Diante dela estava um grande pórtico em que brilhavam todas as cores do arco iris. Era mais alto, na luz que dava, do que o *cutelo* das Fontainhas quando a ilha é um beijo verde esmeralda suspenso entre o mar e o céu, afogado em azul. Por traz dos muros translúcidos subiam cantos mais suaves que as mornas de Nhô Eugénio.

Cheirava que era um gôsto a incenso e a cravos abertos, no mês de junho, á boca das cisternas.

Cheia de receio, a creoulinha ficara junto á pequenina porta de serviço, enquadrada no portão magnifico do céu. Sem saber, batera, parecia... Porque se abriu um postiguito ao lado e, como um punhado de névoas da sua ilha a vaguear pelos *cutelos*, viu ondular na abertura os flocos alvissimos de uma barba de velho.

Um olho doce e *morabe* fitava-a lá de dentro. Trémula de susto, ajeitada ainda á sua vida de sujeição e silencio, ela não disse nada. Mas o olho doce e risonho *s'dobrou-se* como a lua



cheia por sobre o mar. E uma voz de velho, carinhosa e branda, em que havia a luz, a musica, a alegria da manhã celeste, dizia:

— Espera, minha filha. Deixa-me procurar as chaves. Um momento só. Estes mafarricos, (eram os anjos) esconderam-mas. Não deixam parar nada. Hei-de queixar-me ao Senhor.

E como percebesse o espanto da creoulinha, receosa de um engano que lhe trouxesse ao depois mais pena:

— Não tenhas medo, minha filha, disse. Não erraste o caminho. Aqui é o céu. E, de ha muito (*bedjo*, acrescentou rindo, para mostrar que conhecia o creoulão), eu guardo para as portuguesinhas creoulas da Brava os melhores lugares desta mansão.

A graça do momento, a bondade destas palavras animaram a creoulinha. Mas, como acontecia em vida na sua ilha, teve, mais facéis que as palavras, lágrimas, para responder. Sentiu os olhos rasos de agua. Fez-se um silencio maior.

Então já São Pedro encontrara as chaves que, naquela manhã divina, os anjos lhe tinham extraviado, e entreabria a pequena porta de diamante. De dentro veio um halito luminoso e harmonioso de canticos e de felicidade.

— Entra, entra, minha filha, minha creoulinha da Brava, e não tenhas medo, que o mereceste bem.

Animada agora, porque São Pedro era de feitiço e palavras doces como são, na terra, os poetas, a creoulinha, sem dizer palavra, adiantou os olhos num purissimo desejo para a deslumbrada visão do céu.

Azul! Azul! Azul! A perder de vista, milheirais verdes, névoas claras, casas todas alumadas e festivas como as da noite do fim do ano, na Brava, e um vento mansinho que ao tocar as névoas lembrava a musica de violinos gemedores!... Depois, tudo tão plano. — Berbum caro! — sem uma ladeira, com *canais* verdes em que cantavam, mais alto e melhor do que na sua ilha, as flores rubras dos *cardiais* em flor!

Certas névoas, longe, pareceram-lhe ser uma revoada de anjos. E a creoulinha espiava pelo céu dentro, num alvoroço deslumbrado, a vêr se distinguia no celestial concerto a figura doce do Nazarêno ou o manto azul da sua magoada Mãe.

S. Pedro contou como os Bem-aventurados estavam reunidos do outro lado do céu, em conferencia convocada por Deus com os anjos para falar das injustiças do mundo terreno, desarmar a maldade dos homens e cuidar dos seus males por ventura em vão.

Mais á vontade, a creoulinha depois de ter doce e humildemente fitado o celestial Chaveiro, já ousava dizer:

— Senhor S. Pedro, eu sou uma pobre pecadora. Fiz muito *tôrto* na vida... Deve haver grande engano, Senhor S. Pedro! Eu não mereço a gloria do céu!

O Santo, passando a mão pela vasta careca de lua cheia, sorriu com uma bondade de avô velhinho que nunca bebeu *grog* nem fumou. Ela, mais animada ainda, continuava:

— Nhô S. Pedro, *n'sta fla cusa dreto*. Eu não mereço a gloria do céu!

Então o Santo, sem querer pecar contra a divina lei mostrando uma curiosidade imprópria da sua idade e categoria, sorriu mais carinhosamente. E o sorriso dizia: que falasse e ali puzesse para de todo a largar, a pesada carga de pecados que da terra trazia seu coração.

— Senhor S. Pedro, Eu era muito curiosa e *papiadeira*!

O santo Apostolico abanou a cabeça, benevolmente.

— Falei mal, continuou ela, das minhas pobres irmãs da Brava. Dei ouvidos á intrigas, puz *tôrto* em coisas que não levavam mal nenhum. E gostava tanto de baílhinhos, Nhô S. Pedro! A morna é tão *sabi*!

O olho doce do Santo sorria cheio de benevolencia.

— Os baíles da Brava, disse, devem ser coisa boa. E a morna... Na dança da tua ilha ha muita vez tentação e pecado. Porém tu, creoulinha, dansaste sempre com o teu coração puro... Ela sentiu dobrar a sua coragem.

— Senhor S. Pedro! Mas ha *tôrto* maior e eu fui uma grande pecadora. Aceitei o namoro, dei atenção a um rapaz que abandonara, com um filho nos braços, negando-o, uma rapariguinha do meu tempo! E eu sabia!

S. Pedro fizera-se mais sério. Mas não de zanga. De pena, sobretudo. Ele conhecia, sabia muito mais. Mas, no seu coração, não ignorava também como a mulher anda exposta, sobre a terra, desprotegida e vítima do egoismo dos homens, do preconceito hipocrita e impiedoso da multidão. Recordava ainda as palavras do Mestre aos fariseus de Jerusalem. E disse:

— Sim, minha filha. Isso foi pecado grande contra o amor, contra o teu brio e a tua alma. Pede agora, sempre, pelas tuas irmãs da Brava para que sejam melhores e calam cada vez menos em pecado tão mau...

— Sômos tantas na Brava!... Ele ha tão poucos rapazes na ilha!...

— Ah! Deus! — *Paciencia!* — exclamou S. Pedro á moda creoula. E houve um silencio.

— Andei na escola, Senhor S. Pedro. Fiz exame de 2.º grau. Mas, depois, a pouco e pouco, cresceu em mim o receio de falar português. Tinha vergonha de dizer tolices. A fala creoula é doce como a nossa ilha é pequenina. Mas o português é *morabe*, abre o coração e o peito como os versos de Nhô Eugénio fazem chorar.

S. Pedro, cheio de risonha indulgencia, afigurou-lhe as faces rosadas e morenas.

E ela, baixinho, confessou-se mais:

— Desde pequenina, trouxe sempre ao colo um grande desejo, irmão do meu amor: Ter nos meus braços e ninhar, um dia contra o meu coração, um filho, mais branco, mais belo, mais esperto *do ca mim*...

— Deus te vai pagar na vida eterna, por esse bom desejo, ainda que o não tenhas realizado, filha!

Crescia o encanto á roda. A Conferencia de Desarmamento fora adiada. Um cantico subia no momento infavel e imortal. A creoulinha, confiada, já sem receios, voltou:

— Senhor S. Pedro! Olhe Vossa Santidade que houve engano comigo. Eu não mereço a graça do céu!

Então o Santo enrugou a ampla testa centenária e franziu, *grabado*, as sobrancelhas.

— E o que tu sofreste na terra? Não te lembras? Ora vê lá! — Pequenina, mal andavas ainda, logo te deixou o carinho de tua mãe afadigada e curva sobre outros trabalhos e canseiras. Não que minguassem o carinho no coração dela. Mas a vida era dura. Ela viuva. Tinhas cinco irmãos.

«Saíste do berço para a fadiga. Trabalhaste, trouxeste os teus irmãozinhos ao colo, subiste ladeiras, pequenina escrava, penaste sob o calor pesado e as aguas fartas — louvado seja Deus! — nas sementeiras, na encorva, em todo o trabalho. Passaste miséria nos anos asperos de seca. Amaste. Não entenderam o teu amor. Eras uma fonte viva de ternura, caladinha, ignorada, ansiosa por consolar os labios sequiosos dum amado. Contentavas-te se a vida te desse, sobre os dias castigados de trabalho, para consolo de tuas penas, a sombra pequenina, o *barrufo* brando, o embalo, o mimo dum humilde mas enternecido amor. E foste o amor ignorado, a dádiva esquecida ou caluniada, a escrava silenciosa, e dorida, na sua desilusão. O amor que achaste foi... como as bategas da chuva que logo passa acossada pelo temporal. Ou como o ruido bruto, que também logo passa, da chuva fustigando apenas uma face das grandes folhas das bananeiras sedentas. — Noivinha, as ondas te levaram o noivo, mal começara o teu

Vêr continuação na 7.ª pagina

Dez minutos **Poetas modernos**



Maia Alcoforado

Maia Alcoforado é um rebelde literário. Não tem falange, nem escola. Segue sozinho, vagabundo romântico das idéas, sem que os acidentes da marcha, por vezes bem dolorosos, lhe entibem a sua magnífica coragem. O combatente da Grande Guerra, que a fez no mar, lutando contra os esquilos que, sombriamente, vinham do mar do norte, nem mesmo em terra, quando a paz desceu sobre os povos ludibriando-os nas suas ilusões mais caras, perdeu o gesto heroico da arrancada.

A obra de Maia Alcoforado, embora se ressentida da sua existência atormentada, o que lhe quebra a unidade, é no entanto, nos seus paroxismos impressionistas e nos seus vóos de idealismos, bela e generosa de paixão humana.

O escritor acompanha par e passo o rebelde, em crónicas livres, de respiração ofegante: pulso febril, que dizem da sua maneira tão forte como impetuosa. O escritor deu-nos há pouco tempo um livro sussurrante de confidências de alma: *A' boca pequena*. São pequenos quadros uns de drama, outros de lirismo, onde ha mulheres pecadora e destinos sombrios que impressionam, sobretudo, pela sinceridade. São farrapos de vida, enfiados de sangue e de lágrimas, que mesmo transcritos, palpitam ainda da emoção inicial. Damos-lhe a palavra, embora restringindo pela escassez do tempo—dez minutos, apenas!—e do espaço, as suas curiosas confissões literárias:

—Como trabalha?—pregunta. Agora que vivo na aldeia, a dois passos do mar, rodeado de luz, sem preocupações de passar as cinco pelo Chiado, nem da tirania do café—trabalho logo que os meus nervos se deixam tocar pela nota vibrante desse desejo íntimo que tanto me inquieta como me consola. Janelas abertas, para o rectângulozinho dum jardim onde ha flores toda a roda do ano—que umas mãos de mulher de estranha sensibilidade tratam com inextinguível carinho.

—O seu método?

—É duma disciplina que apavora. Tenho uma mesa tão grande, como as das redacções, juncada de livros, papéis, jornais numa desordem que é o reflexo da minha personalidade. Ninguém lhes toca. Disciplinar aquilo, era dar uma ordem á desordem...

—Quais os livros que prefere?

—Todos aqueles que possam ser salutares ao meu espirito. Leio para estudar. Ha quem leia, apenas, para discutir. Eu leio para penetrar no «ground» das renovações políticas, filosóficas e literárias...

—Admirações?

—Fialho, a obra desarticulada e incerta, mas de páginas que nunca mais se esquecem; Eça, o mestre da eterna beleza, Camilo, o de todas as épocas—porque nascem românticos a toda a hora—Ramalho que maior seria se maior quizesse ser; Raul Brandão, o ultimo dos mais fortes... Dos de agora apenas Aquilino e Ferreira de Castro podem, ser, enquadrados no polígono onde a minha admiração encerra, os outros, juntamente com Teixeira Gomes...

—E dos estrangeiros?

—Stefan Zweig.

—O que pretende atingir quando escreve?

—A perfeição do estilo e ser humano, profundamente humano, descobrindo o que ha sob a epiderme da vida.

—Tem alguns livros em preparação?

—Um livro de versos e uma novela. Agora, porém, estou ainda sob a impressão do *A' boca pequena*, mancha de contos e de crónicas, escritas no período mais doloroso da minha vida, e que parece ter agradado pela verdade e pela emoção que lhe procurei dar.

LIBERTAÇÃO

Como no Harry se atropelavam
o homem e o lobo da estepe,
— em ti, meu amor distante, havia
a princesa, a cortesã,
e a rapariga humilde da alfaiataria.

Como em certa canção que em minha memória
ainda, soluçando, entôas,
— em ti, havia a mesma historia:
as mesmas coisas más, as mesmas coisas boas...

No teu primeiro gesto de mulher
— ave que vóa e que tem medo de voar —
vi claramente, impudicamente, vi,
muita vida recalçada, por viver.
O teu pudor era o receio
de te entregar's inteiramente a ti...

Assim começando, «continuando»,
— eras toda instinto e as tuas vozes atentamente
escutavas —
eu bem sentia que sentias, em cada passo que tu
davias
as mesmas experiencias, recordando...

Com que fria coragem tu defrontas
em teus passos seguros ou inquietos,
dos homens, os abraços, as afrontas,
da vida os seus múltiplos aspectos.

Hoje andas aí... Eu não lamento o teu naufragio!
Tombaste no mar-alto heroicamente!
Cada braço que estendes tem o ritmo dum adagio
entre o apetite animal da multidão inconsciente.

Bendita a liberdade que te deu,
trazendo-te, de dentro para fóra,
o que já eras antes de nascer
(e que soubeste atingir em certa Hora!)

Ninguém ainda, ó meu distante amor, te compreendeu...

Tu és a Aurora
da Eterna Mulher.
— implacável, intangível e serena! —

Que val' que os outros tu não te possam compreender?

E G O

O Mar-Alto entrou em mim...

Sou como tu, o entre-choque
das experiencias de tantas vidas!
Entre as minhas experiencias,
— Ondas que me ultrapassam —
sinto-me sósinho e exúl:
dionisios decadente
a bracejar no azul...

O meu drama?

E' a vida de toda gente
onda a passar continuamente
na longa monotonia das horas diluidas...
(Oh doce covardia de explicar-me,
justificando as minhas impotencias,
minhas deformidades herdadas e queridas!)

— Sou o Mar-Alto
sempre igual (ou desigual)
e sempre inesperado para mim;
passo pelo espectáculo do meu mundo
desigual (ou sempre igual)
como uma abelha doirada,
enamorada ou fatigada,
p'las flores dum diabolico jardim!

Eu amo triamente
as minhas deformidades...
E beijo a toda a hora com ternura,
o meu cansaço e a minha frescura,
os meus gritos calados que dizem sim e que dizem não,

as minhas ansias cortadas cêrce!
Eu amo em mim aquilo
que me encobre
que é prós outros confusão,
(a confusão de toda gente
que se não descobre...)

A Vida é um naufragio de Horas no mar-alto,
— ordenar, é ter medo de perder-se...

S. Vicente, Março 1935.

Manuel Lopes

(Para o livro «Momentos»)

POMBOS CORREIOS

● A Italia festeja no fim deste mês o bicentenario de Horacio, sob a égide da sua Academia.

No Capitolio, de Roma, será lido o texto latino da «Carmen Soeculare». Os intelectuais evocarão com uma viagem a Brindi, que será efectuada em «étapes», o itinerario descrito por Horacio na celebre sátira V, do livro primeiro.

● Descobriu-se agora que Julio Verne não era francês, mas polaco. O verdadeiro nome do iniciador do romance científico era Julgusz Olsewicz, tendo-se naturalizado francês em 1870. Como em polaco Olsewicz quere dizer amei-o ele traduziu-o para francês: verne ou vergne.

● Antonio Lopes Ribeiro vai publicar um livro de versos, com o titulo «Viagem».

● Livros recebidos: «Martirios», romance historico, de inspiração religiosa, de Maria Brak-Lamy Barjona de Freitas; «Serás feliz», novela cinematografica, com aspectos da vida alentejana, de Eugenio Silva; «Mulheres da Bíblia», poemas, de Ruy do Vouga (João Pedro da Silva Távares); «A Tabaqueira Magica», literatura infantil, da colecção Manecas, dirigida por Henrique Marques Junior; «De Profundis», de Oscar Wilde, num excelente tradução de J. Ferreira Martins; «O Desemprego e a colocação no regime corporativo», de Ruy Lordello;

«Cantares de Amor», versos, de Telo de Mascarenhas; o «Almanaque Ilustrado de Fafe», de que é director Arthur Pinto Bastos.

● O professor da Faculdade de Letras sr. Luiz Schwalbach publicou agora dois livros de boa leitura cultural e historica: «Uma fase da epopeia nacional (Mar Tenebroso)» e «Algumas Paisagens geograficas» (O modelado normal).

● Urbano Rodrigues vai publicar um livro, de grande interesse, intitulado «Um passeio a Marrocos». São descritivos e evocações de terras que já foram nossas, com larga documentação historica.

● O dr. Campos Pereira anuncia para breve um romance, que se denominará «Novos rumos».

● Os filhos do saudoso jornalista Mayer Garção, uma das penas mais brilhantes da propaganda republicana, vão editar um livro com os ultimos artigos politicos de seu pai. Terá, talvez, como titulo: «Notas e factos».

Mayer Garção deixou um livro de memorias, com paginas sensacionais, que será também publicado, mas oportunamente.

● Uma estatistica curiosa, que deve «arrefecer» o entusiasmo dos novos impacientes de gloria. Shakespeare tinha quarenta e sete anos quando escreveu a «Tempestade»: Stendhal,

quarenta e oito, quando produziu o «Rouge et le Noir»; Balzac também quarenta e oito quando terminou «Cousine Bette»; Vitor Hugo cinquenta e quatro quando compôs as «Contemplations» e Voltaire sessenta e cinco, quando criou o famoso «Candide». Fausto, porém, bate-os a todos. Aos oitenta e dois, acabou o segundo «Fausto».

● Sabem quantas obras se publicaram em França em 1933? 15.728.

Não se julgue, porém, que seja um ano excepcionalmente fecundo em literatura, visto que no ano anterior se publicaram 15.852 livros.

Em 1920 a média era inda de 6.315 volumes, tendo subido, porém, em 1925 para 15.054, numero que, desde então se tem mais ou menos mantido.

● A mesma curiosa estatistica forneceu-nos ainda os seguintes numeros:

Em 1933 publicaram-se em França 3.464 romances; 655 biografias e memorias e 619 traduções.

● Livros portugueses que se venderam mais durante a semana: *Discursos*, do dr. Oliveira Salazar, livro que ha duas semanas detem o primeiro lugar e as *Ruínas do Imperio Russo*, de Chaves Nogales (tradução).

Livros franceses: *Mallarmé chez lui*, de Camille Mauclair e *George Sand et ses amis*, de Jean de Avray.

A "MENSAGEM" DO DESEJADO

O sentimento sebastianista na moderna poesia

Todos os sentimentos, todas as energias que, com certo vigor e espontaneidade, se manifestam numa raça, acabam por se consubstanciar, um dia, numa obra poética. Podem seguir-se, às vezes, na história literária de um povo, os caminhos dessa marcha para a perfeita realização de um desses sentimentos, de uma dessas forças em potencial.

Outras vezes a eclosão da obra, perfeita e grande, que realiza a síntese de uma dessas possibilidades, parece mais espontânea, mais desligada da tendência vital que a determinou.

Que os caminhos sejam mais ocultos, que as tendências se vão vincando com menor clareza, não quer dizer, por vezes, que, menos de trás, menos justificada por um largo passado e uma profunda vida anterior, seja a obra em que um dos sentimentos de raça se veio a definir, no seu momento ultimo de perfeição.

Eis uma ideia que serviria para um critério novo de critica e de história literárias. Por vezes se revelará mais eficaz do que qualquer outro para bem se compreender o aparecimento e o valor de uma obra poética. Por vezes, porque a criação humana é infinitamente complexa, será de todo inútil ou até prejudicial.

Julgo-a, porém, indispensável para bem se compreender o sentido do poema sebastianista que acaba, enfim, de tomar forma na «Mensagem» de Fernando Pessoa.

O sentimento sebastianista não é, entre os sentimentos característicos e próprios da alma portuguesa, o sentimento dominador, integrador dos outros, nem o mais forte sequer.

E', porém, entre todos, e acompanhando de perto o que a todos integra e domina, o sentimento do heroísmo—tão diferente do estoicismo espanhol, por exemplo—um dos mais característicos e, em verdade, dos mais fecundos. Quem quiser definir a alma lusitana, em toda a sua complexidade e profunda originalidade, terá de considerar a criação, evolução e manifestações do sentimento sebastianista.

Não cabe fazê-lo agora mas tão somente afirmar que a sua lenta evolução—pela «lei» que enuncia logo de início e por circunstâncias que se sentem no momento que vivemos e que o próprio poema revela—se consubstanciou, enfim, na obra que é a sua realização em poema alto e perfeito.

O sebastianismo é anterior ao próprio D. Sebastião e à criação da sua lenda; determina-o, até, tal como nos surgiu e o interpretamos e em parte o criamos, pelo sentimento do Desejado.

Transcende a sua figura viva com o pensamento do Encoberto, nacionaliza o messianismo, faz das profecias históricas e de perspectiva de grandeza e continuidade que elas dão à vida de cada geração histórica, um admirável e fecundo elemento de criação.

Encontramo-lo directo, espontâneo, popular, nas profecias do Bandarra.

Se não temermos as palavras, nem no que elas possam engrandecer, nem no que elas possam diminuir e limitar, poderemos chamar a Fernando Pessoa—um Bandarra de génio.

Tudo o preparava para isso:—o seu nacionalismo propriamente místico, que existe porque sente em Portugal uma alma própria para redimir o mundo, depois de o ter desvendado; a sua consciente crença nos caminhos traçados pelos astros à vida humana; o seu conhecimento da ciência que os procura entender e deles tirar ilações que são as tentativas de previsão—a astrologia—e o seu alto valor poético, enfim.

O que no Bandarra era espontânea e inculta intuição, renasce purificado, engrandecido de interiorização e de pensamento, em Fernando Pessoa.

Um laço interior, mas visível, une aquela primeira exteriorização, fruste ainda, do sebastianismo à sua definitiva realização poética na «Mensagem». O momento de criação não poética, de oração reflexiva que deu forma de pensamento ao sebastianismo está entre as duas realizações poéticas, dando sentido imediato à primeira e preparando a futura—para nós presente—síntese de pensamento e poesia. E'



A secretária de Fernando Pessoa: uma mesa do café da Arcada

o pensamento sebastianista do Padre António Vieira e o seu sonho do Quinto Império.

Sentiu o próprio Fernando Pessoa essa íntima ligação das três realizações do sebastianismo exprimindo a continuidade dos três «Avisos»—Trovas do Bandarra, pensamento do Padre António Vieira e o seu poema.

Manifestações múltiplas do sebastianismo encontramos-las em muitas outras criações literárias portuguesas, mas realizações directas do sentimento e do pensamento sebastianista—não.

E não, por motivos de inferioridade ou de superioridade.

Admirável síntese do que seria o sonho sebastianista, que a desgraça desfez para volver em maior mistério, é a dedicatória dos «Lusiadas» a Dom Sebastião e, no entanto, os «Lusiadas», porque são muito mais, não são um poema sebastianista.

E, não obstante, é Camões que impõe a primeira grandeza mística à pessoa de Dom Sebastião—quasi parecendo que pelo seu poema lhe impõe o destino—chamando-lhe a:

«Maravilha fatal da nossa idade
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,

Para do mundo a Deus dar parte grande».

Realizações do pensamento e do sentimento sebastianistas não são também as obras em que elas apenas reforçam outros motivos de sensibilidade.

O «Desejado» de António Nobre não é —nem o seria, quando completo—porque é muito menos, um poema sebastianista.

Não pretendo, aliás, analisar as várias e, por vezes, grandes e nobres, manifestações do sebastianismo na poesia portuguesa, mas afirmar a aparição com a «Mensagem» de Fernando Pessoa da completa, total e definitiva expressão do poema sebastianista.

Para isso ele tinha de ser a realização —genial, mas limitada a este intuito e capacidade—da intuição das Trovas do Bandarra.

A própria forma da poesia de Fernando Pessoa—mais cinzeladora de medalhas do que construção de uma independente arquitectura poética, ou livre harmonia musical—parecia talhada para a obra que realizou.

Os poemas da «Mensagem» tomados independentemente, cada um de per si, têm realmente um «cunho» de medalhas, ora votivas ora alegóricas, com uma subita síntese, que é o seu lema, de uma vibração mais alta, como a um lema de medalha se impõe—um distico—às vezes um simples verso, que podem ser isolados sem que percam e, antes, por vezes, ganhem em humana grandeza.

Lemas admiráveis de medalhas para memorar o sofrimento humano:

«A glória compra-se a desgraça».

ou a sua ansia:

«Ser descontente é ser homem».

ou a vontade de Deus que dos astros desce:

«Deus quere, o homem sonha, a obra nasce»
ou o esforço humano que para os astros sobe:

«O esforço é grande e o homem é pequeno»
ou a inabalável firmeza da alma cheia de divino:

«Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois, venha o que vier, nunca será
Maior do que a minha alma».

Por vezes o lema da medalha perde o seu carácter de ideia que o símbolo do poema procura exprimir, para ser uma imagem síntese—que também pode isolar-se:

Não é possível definir melhor, por uma imagem, toda a imensa grandeza do Infante D. Henrique do que neste distico:

«O unico Imperador que tem, deveras,
O globo mundo em sua mão».

Lemos em imagens, concentradas, sublimadas, talvez mais do que alegóricas ou simbólicas, são os disticos em que Fernando Pessoa exprime o nascer, em previsão e sonho, da missão lusitana, o germinar da imensa grandeza futura:

«E' o rumor dos pinhais qua, como o trigo
De Imperio, ondulam sem se poder ver».

ou a sua afirmação gloriosa:

«Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é português».

Os poemas, tomados isoladamente, têm, todos, este carácter de medalha. Cada um deles reinvoca, para o explicar ante o presente e o futuro—principalmente ante o futuro—um momento do passado, ou interpreta a hora que, indicada por avisos que se sucedem a adivinhá-la, e por sinais dos tempos, nascida da incerteza, da dispersão e do nevoeiro. «E' a Hora!».

Mas o seu verdadeiro valor nasce da sua aproximação, da sua íntima ligação, dentro do poema completo, uno, que é a «Mensagem». E esse poema assim uno, formado de isolados poemas (como o ritmo é feito de números) transcende em beleza, para quem o pode viver nesse sentido oculto, na própria beleza expresso dos seus versos.

O numero 3, cristão (o numero da Trindade) e o numero 5, pitagórico (o numero do pentagrama) enfrentam-se, opõem-se e conjugam-se para prever o ritmo perfeito da nova ideia e da nova era.

Voluntaria ou involuntariamente?

Não importa.

Nem este problema aqui é posto senão para afirmar que também ainda no sentido iniciático e oculto, e só porque o tem, este poema é, de facto, o poema do sebastianismo. Sem esse sentido não pode haver verdadeira compreensão de toda a imensa grandeza do sebastianismo nem do seu poder fecundo.

A grandeza e inteira compreensão do sebastianismo realizadas por Fernando Pessoa na «Mensagem» não podem sentir-se in-

tegralmente na leitura isolada dos poemas que a compõem. A arquitectura do poema, as suas grandes divisões, as suas sub-divisões e o encadeamento e títulos dos poemas têm na «Mensagem» um valor excepcional.

No «Brazão» se mostra a força que no mundo, erguida pelas energias e sofrimentos (os castelos e as quinas) resistindo à dor, cumprindo um destino, coroada místicamente, mostra enfim o sentido eterno da grandeza passada. Assim um «Brazão» define, por sua natureza, a ascendência—a história do sangue e do passado.

No «Mar Português», a obra, única no mundo, única na sua razão de ser humana, dos Descobrimentos procura o seu sentido místico, afirma o seu retorno em grandeza e termina numa prece que, do sebastianismo, o faz entrever a grandeza do heroísmo:

«E outra vez conquistemos a Distancia
Do mar ou outra, mas que seja nossa!»

No «Encoberto», aprofunda-se em desgraça o que fora acção exterior, ganha sentido místico a acção, revela-se em alma, e, renovando a síntese dos Templários (eles, e só eles, no passado entreviram e, para si próprios, realizaram a síntese cristã e pitagórica afirma-se o novo símbolo:

«Na Cruz morta do Mundo
A Vida, que é a Rosa».

e o sebastianismo se define—enfim compreendido e expresso por um grande poeta, pelo seu poeta—o símbolo final

«Na Cruz morta e fatal
A Rosa do Encoberto».

Poderá realizar-se, com tudo o que implica de imensidade, a profecia da «Mensagem»?

Sinal impressionante é, sem duvida, a existencia de um grande poeta que o é para viver essa profecia.

Mesmo para quem não crê nos destinos profundos que se realizam através das vidas efêmeras, deve ter um sentido superior ao do acaso o aparecimento de um grande livro.

E depois... não nos acorda sempre, incitadora, misteriosa, a voz de ha tantos seculos, a voz de Nostra domus:

«Au plus profond de l'occident d'Europe...»

a voz que vibra, oculta, na «Mensagem», no poema, enfim realizado, do sebastianismo?

JOÃO DE CASTRO OSÓRIO

Grandjô

Vinho branco de mesa,
sem rival. O melhor
para peixe, mariscos e
cups. Ha tambem
GRANDJÔ de 1919, 1918
e 1910

EVEL

Incomparavel vinho tintado de mesa. Leve, saudavel, digestivo, saboroso e perfumado. Ha tambem EVEL de 1921.

Tipos criados por Mr. Joseph Laborde, professor da Escola de Oenologia de Montpellier

REAL COMPANHIA VINICOLA DO NORTE DE PORTUGAL

Fornecedora da Presidencia da Republica
FILIAL DE LISBOA
RUA DO ALECRIM, 119

TELEFONE 2 2550

PANORAMA LITERARIO PORTUGUÊS

HENRIQUE DE VILHENA

NUM LARGO ENSAIO

afirma que estamos numa época de rejuvenescimento, embora sem coerência íntima

—Quais as características da actual literatura portuguesa?

—Em todo o campo da prosa pretende-se, de modo geral, a um sentido mais crítico. Na novela e romance essa critica reveste aspecto mais psicologico; mais intencional e investigador deste ponto de vista que anteriormente. Na poesia ha sem duvida as características de libertação do sentimento e da expressão dos modos e formas tradicionais ou, simplesmente, já bastante usados.

—E quanto a ideologia?

—Quanto a ideologia, nas obras propriamente de historia e critica e nas de expressa intenção sociologica, ha sobretudo ou o do lado progressivo na ordem de maiores liberdades politicas e sociais, ou o nacionalista no aspecto integralista (como lhe chamam). Num ou noutro domina contudo o sentimento patriótico. Nos dois lados também e sem embargo sentido universalista, mais literario e imperialista no segundo, mais geral e humano no primeiro.

—Pode-se definir uma escola? Marca valores? Formas literarias?

—Em escolas propriamente talvez se não possa falar. Os portugueses não têm em regra o espirito adequado. Ou se tornam intolerantes e fazem do grupo uma seita, ou se mostram preocupados de suas intenções e talento pessoais. Mas se de alguma escola actual, literaria, se pode dizer, será então precisamente a respectiva ao «integralismo lusitano», assim dito, pois ha ali, em vista do objectivo social e politico, bastante homogeneidade de vistas e de elementos basilares, tal ou qual limitação de aspectos. Isto é apenas consignar o que nos parece um facto e não, de modo algum, designar preferencia ou louvor.

«E' claro, julgamos, não se deverá denominar de escola essa tendencia manifesta em todos os campos para um sentido mental mais critico, e igualmente a essa tendencia que o numero mais notavel dos que trabalham demonstra, por vezes brilhantemente, para mais livre campo de actividade politica e social, e de acção literaria e humana. E' um pouco dispersa contudo a actual correlativa.

«Quanto ás formas literarias—romance, poesia, drama, etc.—não lhes vemos escola definida.

—Podem-se marcar valores, nestes ou naqueles conjuntos?

—Sem duvida, e dos mais apreciaveis. Diremos não poucos nomes, sem distincção das propensões do espirito, e das idades pessoais, pois entendemos que os mais velhos, porque trabalharam e influíram, e continuam trabalhando e influindo, não estão fora, de modo algum, do actual momento literario. Valores apreciabilissimos ou notaveis, que assim se têm mostrado, quer na critica e na historia, em todo o sentido e extensão dos termos, quer no romance, novela e conto, ou no teatro: Julio Dantas, Leite de Vasconcelos, Ricardo Jorge, Joaquim de Vasconcelos, José Maria Rodrigues, Jordão de Freitas, Silva Carvalho, Teixeira Botelho, Antonio Baião, José de Magalhães, Agostinho de Campos, Teixeira Gomes, Queiroz Veloso, Duarte Leite, Luiz Xavier da Costa, D. Ana de Castro Osorio, D. Virginia de Castro e Almeida, D. Amelia Cardia, João Barreira, Alberto de Oliveira, Joaquim Leitão, Antero de Figueiredo, Antonio Sergio, Aquilino Ribeiro, Malheiro Dias, Afonso Lopes Vieira, Fidelino de Figueiredo, Joaquim de Carvalho, Jaime Cortesão, Joaquim Manso, Hipolito Raposo, Augusto de Castro, Reinaldo dos Santos, Leonardo Coim-

Toda a obra do dr. Henrique de Vilhena reflete uma incoercível serenidade. Não é, apenas um critico por inteligencia, mas por temperamento, de resto afinado por uma invulgar cultura científica. O mestre de anatomia portuguesa, conhecendo profundamente todos os segredos da mecanica humana, a sua complicada arquitectura e a sua bizarra geografia muscular, emprega no estudo literario os mesmos processos de exactidão e de verificação que usa nas lições universitarias.



Como muitos medicos portugueses, o dr. Henrique de Vilhena é um escritor de singulares qualidades. A sua tese «A expressão da colera na literatura portuguesa», pode considerar-se um trabalho exemplar no genero, exaustivo de pormenorização, substancial de análise, que marca, talvez, o primeiro grande ensaio no genero, feito entre nós. O artista descobre-se a cada passo.

A sua interpretação revela ignoradas perspectivas da materia literaria, conseguindo em absoluto eliminar, á força de sensibilidade, a aridez do assunto. E' mesmo a palavra sensibilidade que melhor define o escritor. Sensibilidade viva, humana, actuante, que tanto o acompanha na sua existencia como na sua obra. O mais curioso é que o espectáculo da morte, quotidianamente encarado, dissecado nos «marniores» da Escola Medica, não lhe embotaram o sentimento que ora examina a realidade mais cruel, ora penetra os horizontes mais dilatados do sonho.

Uma das suas facetas mais curiosas é a de psicologo. No «Jerônimo Valverde» e nas «Cartas de Amor», ele sonda profundamente o coração humano, sem nada sacrificar á verdade, com um processo talvez identico ao de Proust. Em análises subtilezas consegue captar, Henrique de Vilhena ampliar as mais ligeiras palpitações do amor, nas suas interferências espirituais ou carnaes, sem nada roubar á beleza.

Neste depoimento, que é um verdadeiro ensaio e que pela sua extensão, e excepcionalmente por ser subscrito por alguém que, de facto, é das mais altas individualidades do nosso país, temos que dividir em duas partes—Henrique de Vilhena, com grande serenidade espiritual, alcança a nota justa de critica. O seu pensamento coloca-se numa linha intrasigente de neutralidade para desenhar numa severa planificação a nossa carta literaria. Ides lê-lo.

bra, João da Silva Correia, Lobo Vilela, Vila-Moura, José Saraiva, Ferreira de Castro, Sousa Costa, Carlos Amaro, D. Emilia de Sousa Costa, Ramada Curto, Norberto de Araujo, Luiz Chaves, D. Julieta Ferrão, D. Aurora Jardim Aranha, Rodrigues Lapa, e ainda outros, não poucos, que, com pena, devemos omitir para abreviar, além dos mais recentes como Osorio de Oliveira, Carlos de Passos, Rodrigues, Miguel, Gaspar Simões, Alves de Azevedo, Castello Branco Chaves, Castro Osorio, Santana Dionisio, Tomaz Ribeiro Colaço, Vitorino Nemésio, Silvio de Lima, etc.

—E na poesia?

—Eugenio de Castro, Guedes Teixeira, Afonso Lopes Vieira, Teixeira de Pascoais, Correia de Oliveira, Alberto Bramão, João de Barros, Jaime Cortesão, José Lopes (de Cabo Verde), D. Branca de Gonta Colaço, D. Maria de Carvalho, D. Candida Aires, D. Virginia Vitorino, D. Laura Chaves, Fernando Pessoa, Pedro de Meneses (pseudónimo), Antonio Botto, José Regio, Casais Monteiro, etc., etc.

«Com pena também não falamos do jornalismo, em que alguns escritores desenvolvem acção muito distinta, e deviamos ainda, para gravar melhor a idéa de que temos muitos cultores nos dominios mentais, apreciabilissimos, referir-nos ao professorado, ás artes plasticas e aos ramos scientificos, em que não seria difficil apontá-los e louvá-los.

«Com respeito á investigação e cultura científica, dizemos mais: o actual momento mental português em a seu favor essa investigação e cultura melhor organizadas, em relação ao seu tempo, do que o puderam ser nos seculos XVII e XVIII até Pombal (Reforma da Univ. de Coimbra), e pouco depois de Pombal, até o fim do 1.º decenio do seculo XX.

—Formas literarias, a marcar ou a definir?

—Ha duas, cremos, que no actual momento se destacam: o ensaio critico e a poesia, esta com esse caracter de libertação das antigas ou velhas formas, na emoção e na expressão.

—Rejuvenescimento ou crise?

—Pensamos que rejuvenescimento. Sua garantia está nestes escritores e investigadores dos quais de tantos citámos os nomes, e em sua obra. E' rejuvenescimento um tanto disperso, sem coerencia íntima, assim se pode pretender sem duvida. Mas é cedo para se poderem avaliar suas maximas intenções e seus efeitos, possivelmente concordantes, a trecho mais ou menos breve ou mais ou menos longo. Só hoje apreendemos bem o valor da geração dita de 70, a significação de seus homens mais representativos. Antero de Quental, Teófilo Braga, Eça de Queiroz, Ramalho e tantos outros têm levado seu tempo a serem julgados, e é ainda vulgar da obra de um ou de outro, discutirem-se os meritos essenciais. Não podemos ver com lucidez os homens e suas obras, do nosso tempo, tanto mais que o sentido critico apenas agora entre nós começa a difundir-se, e temos além de tudo o feito especial e tradicional de portugueses, que desandam não raramente entre a inveja e a presunção (que se nos releve dizê-lo).

—O valor da poesia. O materialismo estragou a expressão? Novas formulas poeticas?

—O valor da nossa poesia actual, não é verdade? Pode ela filiar-se, cremos, em Antonio Nbre, Cesario Verde, Eugenio de Castro e Guedes Teixeira. Depois, imediatamente no tempo, Augusto Gil, Afonso Lopes Vieira, Teixeira de Pascoais, Camilo Pessanha e Correia de Oliveira. Ha outros, sem duvida, mas apontamos os nomes dos de maior influencia. Hoje Fernando Pessoa—que colaborou no «Orfeu» com Angelo de Lima, Pedro de Meneses, e mais alguns,—Antonio Botto, José Regio e Casais Monteiro

(directores da Presença, estes dois ultimos), entre pleiada, continuam em moldes ditos modernistas, em que a liberdade e o afinamento mais multiplo da emoção dominam e conduzem o ritmo, essa obra que veio em Portugal daqueles principalmente. Não é pois nossa actual poesia obra desligada, sem precedentes entre nós, é continuação e valiosa.

—Sob o ponto de vista psiquico?

—A nossa alma reflecte hoje um sem numero de inquietações, de aspirações, de ansiedades, que andam no mundo, e através dela também se refractam. O lado mais suave e delicado dessas inquietações, aspirações e ansiedades pretende exprimi-lo o lirismo actual, e assim o nosso também, e não poucas vezes o consegue, como o podemos ver na obra dos poetas da hora presente. Vendo assim o caso, não se pode deixar de dizer que a poesia antecipou-se entre nós ao romance e á novela, no conceito e na expressão; leva sobre eles vantagem, porque a parte mais aguda e profunda de semelhante estado e disposição espirituais, que é a que o romance pode dar, o nosso romance e novela estão ainda longe de o fazer. Ha, sem duvida, algumas tentativas, certos livros realizados muito distintos, nesse sentido, mas o dominio melhor do nosso romance actual ainda está subordinado a movimento e visão exterior e ao estilo. O publico tem responsabilidade no caso, e a parte facil da critica, porque acham assim muito bom e louvam desde logo e enaltecem.

E analisando ainda mais fundo, o ilustre professor diz-nos:

—Como ha contra os portugueses seu feito (perdê-se-nos ainda) tantas vezes invejosa e presunçosa, ha contra eles, no caso em questão, sua extraordinaria imaginação verbal e seu brilhante sentido da apparencia e da liturgia. Esta toma-lhe frequentemente o lugar da fé e da crença, em si proprios, e aquela o do valor em si das coisas. Nas palavras e na arquitectura de sua correlação, vêem o mesmo facto que poderiam ou queriam exprimir. As palavras e o estilo quasi se lhes representam como a idéa ou sua essencia.

«Isto é de instinto por um lado, pelo outro de influencia de mais de dois seculos de educação jesuítica e tutela inquisicional. A palavra e o estilo disfarçavam a idéa, ou encobriam-na, ou substituíam-se-lhe. Hoje precisamente manifesta-se a crise, que daí vem, no caso importante, que é o da necessidade de ver e exprimir a alma humana, lucidamente e em suas profundezas. O nosso estilo florido, roçagante, fica ao de cima, e a nossa sensibilidade fascina-se com o seu brilho e todos nos vamos contentando.

—Quere dizer que a palavra sufoca a idéa?

—Para nós, portugueses, o grande escritor não é o que diz limpidamente idéas exactas, o que consegue dar a emoção, a vibração do sentimento no verbo e na sintaxe transparentes, mas sim o de estilo imaginoso, vivaz, movimentada, de ousadia no tropo e na construção, brilhante e colorido, eufónico e sinfonico... Temos tendencia a dizer do escritor que apreciamos: escreve muito bem, trabalha bem na lingua, cenzela maravilhosamente... etc., e não: pensa com originalidade, sente com elevação e profundidade, e diz-nos sua idéa e sentimento na linguagem mais correcta e adequada. De Queiroz, por exemplo: é um grande prosador, um artista exímio da lingua portuguesa; e não: é um romancista notável, psicologo arguto, capaz de sínteses animicas, etc.

(Continua no proximo numero)

(Continuação da 4.ª pagina)

nolvido. Casada, viveste esperando, consumida figura de saudade, nas horas da tarde, ao alto dos outelos, espiando o mar. Com o marido longe, criaste os filhos, ergueste, no chão pequenino, os muros do futuro lar. Mas, um dia, na abruptada surpresa dum radão ou na apiedada nova trazida num veleiro, a morte veio e afundou tudo, trouxe-te amargura e viuvez maior. Vestiste uma negra mortalha e, enterrada viva, guardada pelo feroz preconceito das gentes, viveste de morrer, com a alma sempre insatisfeita, cheia de pena e de carinho, á sombra dum pardieiro que não chegou a ser lar.

—«Minha filha—não tenhas remorsos. Não tenhas receio. Tu mereceste bem o ceu.—Pobre freirinha dum convento de regra dura, perdido ao meio do mar! Não tiveste as alegrias, as novidades e os consolos das tuas irmãs, mais felizes, de Portugal. As tuas festinhas, os mastros e os bailes pelo S. João?

—E pelo S. Pedro, Senhor S. Pedro, também, atalhou ela sorrindo...

UMA CRIOLA

—... Gozaste-as, continuou o Santo agradecido, como uma criança pequenina, saboreia, com pena de acaba-la, a perinha doce, a fruta verde ainda que lhe puzeram na mão.—Pecaste? Resgataste o pecado com o sofrimento. Foste ludida e crucificada, abandonada com um filho nos braços? Lavaste-o com as tuas lagrimas, curvasteste, com ele no seio, sobre a terra que trabalhavas ou sobre a costura que magoava o peito, que te cegava os olhos! Choraste, no desamparo das rochas, á beira dos abismos, ao arrancar com as mãos feridas, a palha aspera, a lenha escassa com que compravas o pão! Passaste fome, sofreste saudades, choraste e gemeste, andaste sózinha e desconhecida pelos teus proprios irmãos! —Não? —Eu calo-me, eu calo-me, sossega... Não chores, minha filha. Entra—e aconchegava-a sobre o peito, á sua barba de neve, com um carinho en-

ternecido de avô ou de mãe... —Entra, creoulinha da Brava, porque na terra ganhaste bem o ceu.

AUGUSTO CASIMIRO

(Do «Portugal Creoulo», a sair em novembro).

INDICE DAS PALAVRAS CREOULAS

Ingre — ingreme.
Guiza — grita.
Banato — plumas de bombardeira, — summa-uma.
Sábi — gostoso, doce.
Sábrado — florido, desdobrado, aberto.
Cutelo — outeiro, monte.
Nhô Eugenio — O grande poeta bravense Eugenio Tavares.
Terral — o romper da manhã.
Can — alvo, branco.
Mórade — amoravel.
Cánaes — ruas, caminhos entre muros de pedra e sebes verdes.
Tórtio — maldade, peccão.
N'stá fla cusa d'rêto — Estou a falar verdade.

★ PANORAMA INTERNACIONAL ★

A agonia dum mundo

Quando apareceram os primeiros trabalhos de Ludwig Bauer, o publico interessou-se logo por esse pensador originalissimo que tinha a franqueza de expôr e espalhar um sistema de idéas claras e concretas sobre o meio que o rodeava.

O aparecimento de «A guerra é para amanhã» valeu ao seu autor uma verdadeira consagração, não apenas entre os povos de origem germanica, mais aptos a receber as impressões e opiniões de Bauer, mas também entre franceses e ingleses que, mesmo desconfiando-lhe alguns excessos explicáveis de imaginação, aplaudiam nessa entrevista de forte envergadura um dos mestres mais atilados do pensamento europeu contemporaneo.

«A agonia dum mundo» que firmou a celebridade de Bauer, é, sem duvida, um livro valioso, um depoimento cheio de vibração prestado pelo homem neste momento mais apto para interpretar a desorientação e a ansiedade geral.

A primeira parte do volume abrange a evocação rápida das causas que determinaram a falência da sociedade tal como a concebiam os dirigentes no começo do século XX. O europeu de 1900 aparece-nos projectado no écran duma descrição vivida e impressionante desse período, com a verdade e a crueldade que costumam atingir os cirurgiões a cujo cuidado se confia uma operação melindrosa.

Bauer expõe com uma lucidez fria e cortante, a origem dos males de que o nosso tempo está sofrendo. Para ele, o sistema social, politico e economico que vigorava ha trinta anos socobrou por ter perdido eficiencia o elemento essencial que a sustentava e fazia a sua prosperidade. O dinheira deixou de desempenhar uma boa parte das funções que lhe estavam consagradamente confiadas, e as misticas novas e exaltadas surgiram a substituir esse forte estímulo de emulações e de triunfos. No amago da desorganização aparente em que o mundo se debate, Bauer coloca o fenomeno, incompreensível para muitos, da desvalorização moral dos instrumentos de troca e de lucro. Assim, uma organização, que essencialmente repousava sobre a religião da pecunia, tinha de sofrer o abalo correspondente a essa perda de valor simbolica e real.

Depois de nos apresentar o homem de ontem, Bauer tenta esboçar as linhas gerais do pensamento e da acção do homem de amanhã, o homem de 1950. Os capitulos que dedica a esse análise valem, em muitos pontos, como literatura de imaginação da melhor marca.

Confessaremos que a imagem que o autor nos dá das gerações que devem surgir e mandar dentro de quinze anos, não aparece como das mais consoladoras. Essas gerações segundo Bauer terão a noção das o principio dominante da obediência, belansurando-se nos limites perigosos dos racionalismos exarcebados e orgulhosos.

Viverão, assim, para o combate permanente, obcecados pela existência dum inimigo, que tanto poderá ser o seu vizinho como o seu rival. A pratica dos desportos, arvorada em elemento condutor das multidões, terá não a função pedagogica da regeneração individual e colectiva, mas o objectivo espectacular das grandes vitórias a conseguir em competições acirradas. O companheirismo, o sentido de camaradagem entre individuos do mesmo sexo ou de sexos diferentes

A ALIANÇA DA PAZ



Inglaterra

França

Italia

(Do "Journal.")

substituirá, destruindo-os, os grandes sentimentos que o genio humano consagrou através dos séculos: a amizade e o amor. A uniformidade surgirá como regra geral imposta pelos estados que, aniquilando o esforço individual, accionarão a mistica nova de que deriva a sua propria grandeza.

A lei fundamental da vida no futuro é a de que só a força decide e só ela merece ser respeitada. Ela criará no homem a força e o optimismo permanentes e indispensáveis à marcha regular de qualquer sociedade. Assim transparece na obra de Ludwig Bauer o culto pelas divindades que fizeram o orgulho e continuam a animar a existência da sua raça. Esse fundo germanico, quando não surgisse em outras passagens capitais da obra do originalissimo pensador que escreveu a «Agonia dum mundo», teria a sua revelação nas expressões entusiasticas com que ele antevê as novas modalidades que o culto da força ha de criar. Acentuando no prefacio que explicou opiniões muito pessoais, Bauer presta um depoimento cheio de vivacidade e que poderá ser lido com o maior interesse.

Ludendorff

Fez ha pouco setenta anos o homem excepcional que, na representação macabra do nosso tempo, melhor conseguiu interpretar a figura do deus da guerra. Depois de assinada a paz de Versaillies, o quartel mestre general dos exercitos germanicos decidiu-se a escrever as suas memorias, dois grossos volumes editados por Payot. Ao contrario de Tripity, que nos legou um quadro animado, e por vezes impressionante, das condições politicas que rodearam o inicio do conflito e o seu desenrolar, o general que venceu em Taunenberg com o pseudonimo de Hindenburg limitou-se a fazer a narrativa, por vezes fastidiosa, dos combates em que teve intervenção e de cujo desfecho quasi sempre decidiu.

E' o relato minucioso dum tecnico escrevendo com a preocupação exclusiva de elucidar os seus camaradas ou os seus discipulos, e de demonstrar, com a razão da tactica e da estratégia, que nenhum responsabilidade lhe

cabe no desastre que coronou a acção das armas germanicas.

Depois de percorrer essas memorias, o leitor fica convencido de que Ludendorff reservara a sua imaginação extraordinaria apenas para os momentos decisivos do ataque a Liège, ou dos grandes combates no front occidental, durante essa primavera de 1918 em que a sua gloria subiu tão alto.

Mas com a tranquillidade da paz, o militar impetuoso e barulhento que já antes de 1914 se consagrara por algumas intervenções desrespeitosas, surgiu de novo. E então dedicou as suas melhores horas a escrever um panfleto guerreiro a que pôs o titulo de «1932, a guerra».

Nesse livro, Ludendorff, annunciando a guerra para 1932, prevê a derrota da sua patria perante o esforço gigantesco duma coligação orientada pelos politicos de Paris. As potencias internacionais, que ele frequentemente costuma estigmatizar, orientam o combate que conclui pelo aniquilamento do gigante alemão. Com propriedade assinala o coronel Fabry no prefacio da edição francesa da obra que o autor procurava sobretudo com ela levantar o espirito dos compatriotas e levá-los ao convencimento de que só um forte exercito, munido de toda a moderna aparelhagem guerreira, evitaria a derrota e a servidão que ele tragicamente ia prevenido. Os acontecimentos não serviram senão para justificar os reparos oportunos do coronel Fabry. Restabelecido na Alemanha o serviço militar obrigatorio, o estado nazista apressa-se a fazer a reabilitação de Ludendorff, consagrando-o como o maior cabo de guerra do seu tempo.

Leon Daudet, que em materia de antecipação da guerra tem escrito algumas paginas curiosissimas, ainda ha pouco o apontava no seu jornal como o chefe, com von Seeckt, dos novos invasores da França, mais uma vez ameaçada.

Paul Valery e o Mediterraneo

Nice não é apenas uma cidade de prazer, com o seu turismo artificial a servir do chamariz aos estrangeiros. Desde 1933 que existe ali um Centro Universitario Mediterraneo, dirigido pelo grande poeta Paul Valery. A curiosa instituição literaria que, ao principio pas-

sou despercebida, mereceu de Anatole Monzie, quando ministro da Instrução, o reconhecimento oficial.

O Centro Universitario estuda, principalmente, como o seu nome indica, o papel grandioso desempenhado pelo Mediterraneo, mar essencialmente latino — o antigo mane nostrum dos latinos — na evolução da humanidade.

Paul Valery, numa síntese maravilhosa de clareza, definiu a historia da civilização da bacia mediterranea, nestes termos:

«Nada mais admiravel que ver nalguns seculo nascer, dos povos que povoavam as margens deste mar, as mais preciosas e mais puras invenções intellectuais. Foi aqui que a ciencia se destacou das suas origens simbolicas, que a literatura nitidamente se diferenciou, constituindo-se em generos bem distintos, e que a filosofia ensaiou quasi todas as maneiras possíveis de examinar o universo e a si propria.

«E' por isto e para isto que a idéa de investigar o Mediterraneo se impõe como o estudo dum dispositivo — duma sorte de maquina — que fabrica civilizações. Como vêem, o Centro Universitario do Mediterraneo interessa-nos directamente. Ele representa também um pouco do nosso espirito, da nossa cultura. Quando se ouvirá, nas suas aulas, uma voz portuguesa, de acento inspirado, falar da civilização que fomos buscar ao Mediterraneo propagando-a em lusitanidade, através do mundo?

UMA NOVA PELE BRANCA em 3 dias

Acabaram

os Felos

Pontos

Negros



os Poros

dilatados



as Rugas oriundas do Cansaço



Nestas três partes do seu rosto é que as imperfeições da pele se salientam mais nitidamente.

Recentes experiencias revelaram que toda a mulher pode, hoje em dia, brancar, amaciar e embelezar facilmente a sua pele fazendo simplesmente uso, todos os dias, do Creme Tokalon, Cór Branca (não gorduroso). Ele contém agora creme fresco e azeite predigeridos, combinados com ingredientes adstringentes que branqueiam e tonificam. Penetra logo, acalma a irritação das glândulas da pele e contraí os poros dilatados. Os pontos negros são absorvidos e desaparecem. As rugas produzidas pela fadiga são eliminadas depois de uma só aplicação. Mantem a epiderme mais ressequida numa ligeira humidade. Tira o brilho duma pele oleosa e gordurosa. Este novo Creme Tokalon, Cór Branca, enfeita rapidamente a pele com uma beleza e uma frescura nova e incomparavel e duma forma impossivel de obter de outra maneira. Pedir nas perfumarias; não encontrando, escrever à Agencia Tokalon em LISBOA (secção D. L.). Rua da Assunção, 88, que atende na volta do correio.